

Revista de
PASTORAL
da ANEC



**EVANGELIZAR NAS REDES:
TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO
NA PASTORAL ESCOLAR**



EVANGELIZAR NAS REDES

“O que digo a vocês... proclamem sobre os telhados!”

Mt 10, 27

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
ARTIGO	9
A evangelização no mundo digital Roberto Nentwig	
ARTIGO	20
Escola em pastoral em tempos de pandemia: vivências e experiências conectadas Leia Raquel de Almeida e Adriano Jacó Sauer	
ARTIGO	27
A disputa pela atenção: <i>influencers</i> e educação Gregory Rial	
ARTIGO	39
Agente de pastoral, evangelização e tecnologias Valéria Andrade Leal	
ARTIGO	45
Serviço de animação vocacional em rede: despertando e discernindo vocações Reinaldo Leitão	
ARTIGO	53
A música e a melhoria da qualidade de vida: as relações humanas no mundo em rede Gabriel Romeo Brandt e Edilaine Vieira Lopes	
RELATO DE EXPERIÊNCIA	61
Os tempos exigem: reinventar-se é preciso! Waldemar Bettio, Sérgio Andrade e Hudson Rodrigues	
RELATO DE EXPERIÊNCIA	69
Oração da manhã: uma iniciativa de esperança em tempos de pandemia Odailson Volpe de Abreu	
ENTREVISTA	74
Moisés Sbardelotto	
ESTANTE	80
O estagiário - Nancy Meyers	
ESTANTE	83
Acepto las Condiciones: Usos y abusos de las tecnologías digitales. Cristóbal Cobo	



EXPEDIENTE

CONSELHO SUPERIOR

Ir. Irani Rupolo – Presidente
Pe. Mário Sündermann – Vice-Presidente
Ir. Cláudia Chesini – Secretária

CONSELHEIROS

Frei Gilberto Gonçalves Garcia
Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir. Ivanise Soares da Silva
Pe. João Batista Gomes de Lima
Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Pe. Josafá Carlos de Siqueira
Ir. Márcia Edvirges Pereira dos Santos

DIRETORIA NACIONAL

Ir. Paulo Fossatti – Diretora Presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga – Diretora 1º Vice-Presidente
Ir. Natalino Guilherme de Sousa – 2º Vice-Presidente
Ir. Marli Araújo da Silva – Diretora 1º Secretária
Prof. Dr. Pe. Maurício da Silva Ferreira – Diretor 2º Secret.
Pe. Roberto Duarte Rosalino – Diretor 1º Tesoureiro
Frei Claudino Gilz – Diretor 2º Tesoureiro

EQUIPE EDITORIAL

Frei Claudino Gilz – Diretor/Setor Pastoral
Ir. Cláudia Chesini – Editora-Chefe
Valéria Andrade Leal – Editora Adjunta

CONSELHO EDITORIAL

Frei Claudino Gilz
Irmã Cláudia Chesini
Antonio Boeing
Pe. Denis Dutra Marques
Edilaine Vieira Lopes
Fabrizio Catenazzi
Gregory Pablo Rial Araújo
Humberto Silvano Herrera Contreras
Jean Michel Alves Damaceno
Pe. Marcus Aurélio Alves Mareano
Matheus Cedric Godinho
Rodinei Balbinot
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
Thiago Alves Torres
Irmã Valéria Andrade Leal

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Comunicação ANEC / Verlindo Comunicação

REVISÃO TEXTUAL

ANEC

EDITORIAL



Convidados (as) a evangelizar como Rede a serviço

Irmã Cláudia Chesini e Frei Claudino Gilz

Evangelizando nas redes: tecnologias e comunicação na Pastoral Escolar é o tema desta edição da Revista de Pastoral ANEC. No entanto, vale perguntar-se: por que esse tema é tão significativo para a Educação nas instituições de ensino católicas e, especialmente, ao serviço de animação pastoral que nelas é desenvolvido.

Trata-se de um tema que nos interpela de diferentes maneiras e intensidades. Um tema que nos possibilita fazer memória tanto da missão que o Senhor nos tem confiado no certame da educação como dos constantes desafios que se apresentam aos educadores e aos articuladores do serviço de pastoral nas instituições de ensino católicas.

A temática *Evangelizar nas redes: tecnologias e comunicação na pastoral escolar* ganha mais relevância alinhada à proposição do Pacto Educativo Global que o Papa Francisco, desde o dia 12 de setembro de 2019, vem nos convidando a considerar e a aderir, atendendo, no mínimo, a necessidade de reconstruir um caminho educativo capaz de

- *corresponsabilizar a todos na educação das atuais gerações, recriando a possibilidade da instauração de uma cultura voltada ao cultivo da fraternidade no âmbito familiar, escolar, universitário, social e profissional;*
- *favorecer a criatividade e a responsabilidade por um projeto, a longo prazo, em prol da diminuição das distâncias entre os tempos educativos e os tempos tecnológicos;*
- *reconstruir a solidariedade intergeracional e o senso de cidadania socioambiental;*
- *gerar uma rede de relações humanas e abertas;*
- *colocar a pessoa no centro de tudo o que é pensado e intencionado fazer para promover dignidade, encantamento e alegria;*

- *sensibilizar para a importância da abertura ao outro;*
- *formar pessoas disponíveis para se colocar a serviço da comunidade;*
- *abraçar a ampla gama de experiências de vida e processos de aprendizagem que auxiliem o jovem a desenvolver, individual e coletivamente, a sua personalidade e a realizar o propósito de Deus para com ele;*
- *construir em cada criança, adolescente e jovem das atuais gerações uma visão unitária de si (reconstruir a identidade);*
- *amparar as famílias e colaborar com elas na educação dos filhos;*
- *educar as atuais gerações para a alegria de servir, entre outros.*

Vale lembrar que não se trata apenas de propor o ideário do Pacto Educativo Global aos alunos das nossas instituições de ensino católicas. A bem-aventurança seria envolvê-los nas diferentes atividades educacionais, de tal modo que eles próprios possam se interpelar e, a partir disso, contribuir para o alcance dos objetivos fomentados pelo Papa Francisco ao propor o Pacto Educativo Global. Isso nos leva a perceber que há uma evangelização e/ou uma pastoral que precisa começar dentro de cada um de nós e partir daí ao coração de cada aluno. Do contrário, o ideário do Pacto Educativo Global ficará fadado apenas às matérias em revistas, em mídias sociais e nos discursos.

Em um tempo caracterizado pelo uso das tecnologias o Serviço da Animação Pastoral da ANEC, por meio do Grupo de Trabalho da Revista de Pastoral ANEC, garimpou “escritores” das mais variadas instituições de ensino do nosso país a fim de traduzir em artigos e em relatos de experiência o estudo, a reflexão e a prática da Pastoral.

Na sequência da Revista, inicialmente, Moisés Sbardelotto (UNISINOS), entrevistado pela editora adjunta desta edição, Irmã Valéria Leal, introduz esse tema com elementos familiares, porém articulados entre si, de maneira a perceber a conexão entre tecnologia, comunicação e pastoral.

No artigo **A evangelização no mundo digital**, de Roberto Nentwig, é apresentada a dinâmica da realidade na perspectiva de uma “revolução digital que altera todos os campos da existência: todas as realidades agora são afetadas pela comunicação, pela rede. O mundo digital é fascinante, tem um novo modo de apresentar o conteúdo, uma nova linguagem, um novo modo de estabelecer relações e contempla posições conflituosas. Esse artigo apresenta algumas pistas para que educadores e evangelizadores possam dialogar com a nova geração digital: comunicação emocional e não ressentida, discernimento no uso das redes, ascese digital, cultura do encontro, fuga da cultura mundana”.

Leia Raquel de Almeida e Adriano Jacó Sauer apresentam no artigo **Escola em pastoral em tempos de pandemia; vivências e experiências conectadas** o registro do olhar sobre a escola durante o período de distanciamento social, que condicionou o ensino a estudos domiciliares. Nele os autores apresentam as estratégias desenvolvidas e a importância de uma proposta educativa metodologicamente diversificada, essencialmente pedagógica e pastoral.

No artigo **A disputa pela atenção: influencers e educação**, de Gregory Rial, apresenta-se “o crescimento e influência dos *digital influencer* – ou sua tradução – *influenciador digital* ou simplesmente *influencer* para designar todos aqueles produtores de conteúdo que conseguem arrebanhar público e se conectar aos usuários de plataformas e redes sociais. Este fenômeno tem cada vez mais participado das formações identitárias de crianças, adolescentes e jovens e é por isso que lançamos um olhar pastoral a fim de compreender as potencialidades e limitações da relação de influência digital, bem como as possibilidades do nosso agir a partir da pastoral escolar e do próprio campo educativo.”

Agente de pastoral, evangelização e tecnologias, escrito por Valéria Andrade Leal, reflete o uso da tecnologia na evangelização, especialmente por parte dos agentes de pastoral, a partir deste tempo de pandemia. O artigo aborda alguns elementos que fundamentam essa atividade e aponta possibilidades.

Com o objetivo de “chamar a atenção do Serviço de Animação Vocacional (SAV) para a necessidade de reinventar os seus métodos e processos de acompanhamento vocacional, realizados por meios virtuais”, Reinaldo de Sousa Leitão, no artigo **Serviço de animação vocacional em rede: despertando e discernindo vocações** Autor: **Reinaldo Leitão** apresenta a influência dos dispositivos e plataformas digitais na forma de conduzir o discernimento vocacional, alterando na proximidade e convívio com os aparatos de simulação virtual da vida (*smartphone, tablet, notebook*), pois quanto mais interação e conexão virtual, mais adaptável deve estar o serviço de animação vocacional frente a esse movimento informacional das redes interconectadas.

A música e a melhoria da qualidade de vida: as relações humanas no mundo em rede Autores: **Gabriel Romeo Brandt e Edilaine Vieira Lopes**, escrito por Edilaine Vieira Lopes e Gabriel Romeu Brandt, “objetiva compreender como se dá a aplicação da música na pastoral para contribuir com a Qualidade de Vida e a melhoria na comunicação para estreitar as relações humanas, sobretudo neste mundo em rede virtual, conectado e no pós-pandemia.”

Nos relatos de experiências **Oração da manhã: um a iniciativa de esperança em tempos de pandemia** Autor: **Odailson Volpe de Abreu** duas Redes associadas à ANEC fazem o nosso coração arder pela singeleza do encontro com Deus e pelos gestos de solidariedade e compromisso com a Educação.

Agradecemos o empenho e a disponibilidade dos autores, bem como da Irmã Valéria Andrade Leal que nesta edição colaborou como editora adjunta. No processo de reflexão, na prática e na escrita crescemos juntos como Rede a Serviço da Evangelização.

ARTIGO

A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DIGITAL

Roberto Nentwig

RESUMO

Vivemos uma verdadeira revolução digital que altera todos os campos da existência: todas as realidades agora são afetadas pela comunicação, pela rede. O mundo digital é fascinante, tem um novo modo de apresentar o conteúdo, uma nova linguagem, um novo modo de estabelecer relações e contempla posições conflituosas. Evangelizadores e educadores precisam estar atentos às rápidas mudanças. Este artigo apresenta algumas pistas para que se possa dialogar com a nova geração digital: comunicação emocional e não ressentida, discernimento no uso das redes, ascese digital, cultura do encontro, fuga da cultura mundana.

PALAVRAS-CHAVE: Mundo digital. Geração digital. Evangelização.

ROBERTO NENTWIG

Doutor em Teologia, na área de Teologia Sistemático Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Mestre em Teologia, na área de Teologia Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011). É graduado em Filosofia, pela Faculdade Arquidiocesana de Filosofia (1999), e em Teologia, pelo Studium Theologicum (2003). Tem atuação na área da Catequética e Pastoral.

CONTATO: beto.catequese@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *O pequeno príncipe* ilustra com sabedoria o desafio de mudar paradigmas, ao narrar o encontro do protagonista com um acendedor de lampiões. O príncipe chega a um planeta e encontra um homem, de pé, acendendo e apagando uma luminária em um intervalo curto de tempo. Interrogando-o, o príncipe descobre que ele fazia isso pela ordem que recebera, mas que sua tarefa tinha ficado muito difícil. O planeta girava cada vez mais depressa, pois as manhãs e as tardes se seguiam cada vez mais rapidamente. O tempo acelerou, mas o pobre acendedor não teve capacidade de mudar os seus métodos (EXUPÉRY, 2006).

A questão que se coloca é sobre a nossa postura diante deste mundo que gira cada vez mais veloz. Como acolher suas qualidades? Como prevenir-se de seus malefícios? Este artigo procura levantar algumas questões relativas à evangelização no mundo digital, especialmente, em relação às novas gerações.

1. ESTE MUNDO MAIS VELOZ E SEUS DESAFIOS

De um modo veloz, em pouco tempo, testemunhamos uma verdadeira revolução digital que alterou todos os campos de nossa existência, pois, todas as realidades, agora, são afetadas pela comunicação. Vivemos no mundo da rede: redes sociais, digitais e midiáticas. Nele, será necessário mais do que o domínio das tecnologias para sobreviver. É preciso considerar que existe um novo con-

texto, formado pela soma da tecnologia às ações comunicacionais. Portanto, não importa apenas a posse de um *smartphone*, por exemplo, mas a conexão e o que pode ser feito com este dispositivo. Surge dessa interação um universo digital: as pessoas vivem em *conexão-relação* por meio de ações mediatizadas. A este conjunto chamamos de ecologia comunicacional (SBARDELLOTTO, 2017).

Elencaremos, brevemente, algumas características desta ecologia comunicacional, que aqui será chamada, didaticamente, de *mundo digital*.

- a) *O mundo digital é fascinante*. Todos querem o prazer do divertimento proporcionado pela nova tecnologia. O acesso à internet com velocidade é que oportuniza usufruir dos conteúdos disponíveis. Por isso, se o sinal da internet é fraco, ou se não existe *wi-fi*, percebe-se, logo, o desconforto, até mesmo a irritação. Parece inadmissível não estar conectado. Os *smartphones* integram a nossa existência como se fossem partes de nosso corpo. Certamente, isso mudou o nosso modo de viver e trouxe consequências deletérias a nossa vida, como, por exemplo, a massificação intensa e problemas de saúde mental (SCALA, 2001).
- b) *O mundo digital tem um novo modo de apresentar o conteúdo*. O conteúdo do passado era denso, complexo e duradouro. Pensemos nos conteúdos de nossa tradição religiosa. Já

no mundo digital, vivemos a égide dos *fast-thinkers*. Trata-se de uma expressão de Pierre Bourdieu (1997) que significa a simplificação dos temas e dos conteúdos. O que é produzido agora é homogêneo, tem uma mesma estética digital. Além disso, os conteúdos ficam sob o controle de um pequeno grupo, aqueles que dominam a audiência ou os *likes* (FRANÇA MIRANDA, 2011). Por outro lado, se antes poucos poderiam produzir conteúdo, agora todos podem existir na rede. O especialista não é mais a referência da emissão de conteúdo, pois agora qualquer amador despreparado pode postar a sua opinião e, se tiver muitos seguidores, pode fazer a sua ideia sobrepujar o argumento outrora balizado. Aqui perceberemos grandes consequências para a evangelização, sobretudo, porque a Igreja se acostumou a ser detentora de uma certa autoridade, baseada em sua tradição e seu magistério. Há também o perigo de que os temas da fé fiquem diluídos, simplificados, perdendo a sua força original.

c) *O mundo digital tem uma nova linguagem.* A linguagem do mundo digital é fragmentada, rápida, múltipla e plural. Nada de grandes discursos enfadonhos. Os *influencers digitais* são objetivos e emocionais. São eles um bom exemplo da nova estética que se

apresenta, com as suas novas sensibilidades: o modo de falar, as estratégias para criar relações, a corporeidade, a definição de belo ou jovem mudaram e continuam a mudar. Agora a imagem é bem mais importante do que as ideias, pois é ela que atinge a subjetividade. Esta nova linguagem precisa ser conhecida e decifrada pelos evangelizadores e educadores.

d) *O mundo digital tem uma nova relacionabilidade.* Mudaram as regras de relação intrapessoal e interpessoal. Existe uma forte coletivização, traduzida pelos termos em voga: aldeia global, globalização, conexão em redes... Termos que traduzem um fato: estamos todos conectados!. Por outro lado, impera a cultura do individualismo, pois a rede pode aproximar as pessoas, mas, igualmente, afastá-las umas das outras. Vive-se só em um universo marcado pela *ubiquização*, ou seja, um mundo que possibilita que estejamos em toda parte, ao mesmo tempo. Pode-se acessar uma imagem em tempo real da *Time Square* ou de um estádio de futebol. É possível se conectar com vários grupos virtualmente, mesmo com pessoas que vivem distantes. Por outro lado, aumenta o sentimento de solidão (SBARDELOTTO, 2017). Neste contexto, a evangelização terá o desafio de atrair as pessoas para comunidades concretas.

1 A existência digital se traduz pelo rizoma: não há mais um núcleo do qual tudo se deriva, pois tudo está em rede.

e) *O mundo digital traz posições conflituosas*. A mistura de tudo, mesmo de conceitos antagônicos entre si, desfaz a ideia de ordem e uniformidade que havia no antigo paradigma. Surge a coexistência conflituosa entre a unidade e a pluralidade, a banalidade e a seriedade, o certo e o errado, o público e o privado, o sagrado e o profano, o tradicional e o sofisticado. Um dos principais antagonismos é aquele existente entre o real e o virtual (SBARDELOTTO, 2017). O mundo da evangelização fica um tanto deslocado, pois evoca valores do real, mas precisa conviver com a virtualidade. Seria legítimo se render à virtualidade? Em que medida?

2. OS NATIVOS DE UM MUNDO QUE GIRA CADA VEZ MAIS VELOZ

As mudanças de nosso tempo são anteriores à *invasão* do mundo digital. Aquela modernidade forjada na busca da legitimação da razão entrou em crise, dando lugar a um contexto que possui vários nomes, caracterizado pela *liquefação*. Surgem deslocamentos importantes: do absoluto ao relativo, do objetivo ao subjetivo, da unidade à diversidade, do esforço ao prazer, da ética à estética, da razão ao sentimento, da sacralização à secularização, da formalidade à informalidade (BOTERO, 2002).

A antiga metafísica é colocada em xeque. Não mais definimos o ser a partir de sua essência, há uma decadência das representações, uma pluralidade

de versões, gerando uma ontologia débil. Decorre a debilidade do pensamento. Sobretudo, a verdade também se torna débil: sem âncoras absolutas que sustentem a razão ontológica do ser, a certeza de que realmente podemos conhecer a verdade se torna cada vez mais questionada. As grandes narrativas, que traziam o sentido da existência, perdem o seu espaço. Enfraquece-se o grande norte de sentido, no meio do emaranhado individualista de nossa sociedade, cada pessoa se torna o horizonte de sentido de si mesma (RUIZ DE LA PEÑA, 1995).

Diante deste contexto, o que podemos dizer dos jovens? São eles filhos deste tempo de pensamento fraco e, por isso, são também débeis. Percebe-se a acentuação de uma geração frágil. Quando a realidade é difusa e dissolvida, quando a fragmentação e o individualismo são marcantes, facilmente as personalidades tornam-se mais frágeis, inseguras e fragmentadas. Além disso, há um cardápio tecnológico, a imensidão da rede, as multiformes ofertas do mundo consumista. Ninguém consegue dar conta de consumir as ofertas que se apresentam. Neste universo, o jovem não consegue saciar suas sedes, tendo dificuldades de encontrar as respostas de sentido para a sua existência. Seria o momento de buscar ancoragem em pessoas fortes. O problema é que os pais e formadores também se encontram fragilizados ou já se tornou muito claro as suas ambiguidades. Se antes as autoridades eram vozes unânimes que emitiam palavras

de ordem, agora, encontram-se descredibilizadas. Esvazia-se a figura dos pais, dos professores (HAMAD, 2012).

Este enfraquecimento do ser é acentuado pelo mundo digital, como destaca o Papa Francisco: espaços on-line podem ser desumanos, gerar distorção da sexualidade, dificuldade de perceber a dignidade da pessoa humana, distanciamento da família e dos valores e desenraizamento.

// *A vida nova e transbordante dos jovens, que impele a buscar a afirmação da própria personalidade, enfrenta atualmente um novo desafio: interagir com um mundo real e virtual no qual se entra sozinho como num continente desconhecido*
(*Christus Vivit*, n. 90). //

3. EVANGELIZAR NESTE MUNDO VELOZ

Os evangelizadores e educadores estão diante de um grande desafio. A Igreja costuma ser mais lenta em renovar seus métodos, mas a lentidão não é exclusividade dela. Seremos nós os acendedores de lampiões que não se adaptam à nova velocidade? É necessário encontrar novas posturas, pois seria falta de sabedoria nadar contra corrente ou demonizar a realidade que se apresenta. A juventude conectada se apresenta também como uma oportunidade. É preciso considerar que a revelação divina é pura comunicação: A Palavra se fez carne, revelando a face humana de Deus (cf. Jo

1,14). Deus assumiu a nossa linguagem, fez isso de um modo singular na plenitude dos tempos, mas já o fizera ao longo da história: a Palavra de Deus se manifestou de vários modos (cf. Hb 1,1-4). A seguir, apresentaremos algumas pistas de reflexão. Apenas alguns nortes sobre o assunto, tendo em conta de que se trata de um tema complexo, com mais questionamentos do que respostas.

a) *Evangelizar pela comunicação emocional.* Jesus é um comunicador que fascina os seus ouvintes, sua fala tem uma força de atração. Isso acontece pelo seu modo de falar e agir, pela sua proximidade. Não é de se estranhar a surpresa dos discípulos, que lhe dizem: “Senhor, todos te procuram” (Mc 1,37). A comunicação do Senhor continua a nos inspirar, ainda que sejam exemplos distantes de nossa cultura digital. Hoje, mais do que nunca, é necessário deixar de lado a comunicação formal, burocrática e teórica, substituindo-a pela comunicação cheia de sensibilidade, carismática e ardorosa. Jesus se aproxima de cada pessoa, fala ao eu de cada um. Jesus é um comunicador emocional e, portanto, está afinado com o nosso tempo. É preciso que os evangelizadores e educadores observem o poder de atração dos *Stand-ups* e *Youtubers*, dos vídeos divertidos e curtos espalhados nas redes sociais. O Evangelho é um conteúdo sublime, por vezes, comunicado sem vitalidade. O mundo digital da crise da modernidade exige uma *comunicação subjetivante*, ou

seja, é necessário chegar ao centro vital da pessoa, gerar vida, inspiração, decisão. É isso que se pretende com o resgate do *querigma*, que não é apenas o primeiro passo da ação evangelizadora, como também do fio condutor de qualquer itinerário de evangelização (cf. DAp, n. 287).

- b) *Evangelizar sem ressentimento.* Uma geração veloz e frágil apresenta-se também ressentida. Parece que a civilização atual é lugar de gente insatisfeita. O mundo faz uma oferta de felicidade que não se realiza, gerando ressentimento, inveja, um mal-estar. O *feed* das redes sociais, ao exibir *selfies* de pessoas aparentemente felizes, só aumenta o desespero, pois existe a impressão de que todos alcançaram o que *me falta*. Esta energia negativa *sai para fora* em forma de agressividade. Surgem os gritos murmuradores de corações irreconciliados revestidos de reivindicações políticas, apelos em prol da verdadeira moral de costumes e pelo retorno da verdadeira religião. A evangelização neste contexto precisa formar para a gratuidade, parece urgente curar o ressentimento e amenizar as polarizações. No contexto religioso, precisaremos ter a clareza de que uma verdade não se impõe. Não somos donos da verdade, mas ela nos possui, por isso, não é possível defendê-la com arrogância ou violência, não se pede o fogo do céu (cf. Lc 9,54-55). A credibilidade depende da relação de confiança que se estabelece com o interlocutor. Amor que cura o ressentimento. A santidade depende da cura do ressentimento. São necessárias palavras e ações que nos ajudem a fugir do “círculo vicioso da condenação e da vingança que continua enjaulando os indivíduos, as pessoas e as nações” expressas com “com mensagens de ódio” (SPADARO, 2016, n.p). Devemos anunciar o evangelho com ternura e alertar que existem muitos conteúdos raivosos que se proclamam a nova normativa da verdade eclesial (KUZMA, 2019).
- c) *Formar para o discernimento.* Os jovens estão mergulhados na rede. Lá navegam, surfam e também naufragam. Educadores e evangelizadores deverão ajudar as novas gerações a realizar bom uso da internet. Um dos problemas se relaciona a escolha do conteúdo. Certamente há muito conteúdo bom, mas facilmente as banalidades ocupam grande parte do tempo de acesso ao universo digital. Já é bem conhecido o desafio da disseminação de *fake news*, com todos os seus contornos na vida política, social, mas também presente no contexto religioso. Há uma pluralidade de vozes, todos falando ao mesmo tempo, embora sem a mesma autoridade para emitir uma opinião balizada. Podemos falar de uma *heteroglossia*, ou seja, a existência mútua de diferentes vozes (BAKHTLIN, 2000). O termo nos lembra o dia de Pentecostes (cf. At 2,1-11), quando uma multiplicidade de povos conse-

guia uma única compreensão, graças ao Espírito Santo, embora cada um falasse um idioma próprio. Hoje, o mesmo Espírito continua atuando para nos ajudar a tornar a pluralidade inteligível. O papa Francisco, fiel a sua tradição jesuíta, indica-nos o caminho do discernimento: é preciso examinar o que existe dentro de nós, mas também o que há fora de nós, escutando os sinais dos tempos (*Gaudete et Exsultate*, n. 168), então podemos separar, escolher, decidir. Não se trata mais de trazer uma moral de preceitos já pré-estabelecidos, de condenar pecados e fazer indicativos de virtudes. Nossa missão é formar jovens que sejam adultos morais, ou seja, sujeitos maduros que, à luz do Espírito, imbuídos dos valores cristãos, façam boas escolhas de modo livre. Na égide da liberdade, quando as novas gerações escapam facilmente dos olhares fiscalizadores, como se propunha na educação tradicional, hoje é urgente educar para uma liberdade responsável, criar autonomia na base do discernimento (Diretório para a Catequese, n. 370).

- d) *Educar para a ascese e para o silêncio*. Se a tecnologia nos deu a esperança de uma vida mais ágil e fácil, por outro lado, rouba-nos o tempo. Estamos cada vez mais conectados e sobrecarregados. Multiplicam-se os alertas sobre o perigo do uso indevido e demasiado dos *smarthphones*: afetamentos mentais, problemas cervicais, falta de sono, entre outros. Uma

ascese, ou seja, certa prática de mortificação será necessária. O mundo virtual está nos comprimindo: muitas tarefas e um excesso de ansiedade. Talvez os *smartphones* sejam um dos vilões que nos colocam num estado de total conexão e ansiedade. *Coachings* e cursos de meditação estão ganhando muito espaço, isso porque estamos desaprendendo a arte de serenar e viver no presente, sem grandes agitações, sem se angustiar com o futuro, mas viver com integridade o tempo presente, como nos indica as práticas de *Mindfulness* (DEMARZO e CAMPAYO, 2015). É preciso diminuir o grau de agitação. Isso não é automático, exige de nós, é preciso se reprogramar, tomar consciência de que estamos muitas vezes no piloto automático enquanto dirigimos, quando comemos e até quando estamos diante de outra pessoa. Então, encontros se tornam presenças ausentes, corpos que se colocam um diante do outro, mas sem profundidade, sem que a atenção sobre o outro com toda a sua história possa se tornar lugar da graça. Os educadores e evangelizadores deverão valorizar a liturgia em sua capacidade estética e comunicativa, educando os jovens para o silêncio. Em um mundo que perde os seus espaços de serenidade, cresce a avidez, ainda que desconhecida por vezes, de espaços de encontro com Deus e consigo mesmo. O principal desafio não é digitalizar a evangelização, mas oferecer experiências de sentido (Diretório para a Catequese, n. 371-372).

e) *Educar para a cultura do encontro.* Seguindo a reflexão acima sobre as consequências do ressentimento, é preciso que os evangelizadores e educadores estejam atentos para as consequências da polarização no contexto da transmissão da fé. Neste sentido, é preciso ter em conta que a Igreja não vive para proclamar excomunhões e exclusões. Não levanta a bandeira da verdade, deixando uma multidão fora da salvação. A verdadeira comunicação é respeitosa e acolhedora, portanto, quer gerar vínculos, promover a paz. Convém se lembrar da origem do termo *religião*: do latim *religare*. No mundo digital das ligações e religações, é tarefa dos evangelizadores unir quem está separado, criar redes de relações, usar a rede para unir, religar quem se sente separado e excluído, ter a capacidade de dialogar sem medo, sem imposições, sem defender-se demais (SBARDELOTTO, 2017). A Igreja vive assim a sua *catolicidade*, pois ela mesma “é uma rede tecida pela comunhão eucarística, na qual a união não se funda sobre os “likes” mas sobre a verdade, sobre o ‘amém’ com o qual cada um se une ao corpo de Cristo, acolhendo os demais” (AGASSO, 2019). A Missão é compartilhar uma experiência, não se trata de um projeto pronto que é imposto (DAp, n.145). Se o mundo digital gera separação, solidão e individualismo é preciso criar “espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas

para as populações urbanas” (*Evangelii Gaudium*, n. 73). Eis a missão da Evangelização: nesse mundo virtual, não bastará uma boa publicidade, mas a proximidade. O grande desafio é não perder o horizonte da importância de se criar relações - a cultura do encontro.

// (...) *Apraz-me definir este poder da comunicação como ‘proximidade’. Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos nos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação (FRANCISCO, 2014).* //

f) *Não se render à lógica mundana.* Atualmente, damos muito valor para o sucesso. Alguém jovem, de boa aparência, deslocado, cheio de *likes* está no topo dos bem sucedidos. O êxito, traduzido por palavras como *vencer*, ou mesmo por termos como *bombar* e *lacrar* marcam esta tendência. Nela, importam muito as estratégias do *marketing*, fazendo a pastoral refém das leis funcionais do mercado. Há ainda a tentação da cultura *popstar*. Alguns personagens eclesiais se tornam conhecidos, produzem muito material comunicacional, estão na

mídia, atraem muitas pessoas. Temos presenciado os riscos quando se confunde o meio com o fim, ou a pessoa com a própria instituição que ela representa. O Papa Francisco, neste sentido, é um bom exemplo: não se exime da mídia, pode até mesmo ser considerado um *personagem midiático*, além de muito conectado ao mundo digital, porém evangeliza com simplicidade, sem *autorreferencialismo*. Ele mesmo nos adverte:

// *Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho! (Evangelii Gaudium, n. 97).* //

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria até dispensável dizer que o tema deste artigo é vasto. Muito se fala da nova cultura digital, em diferentes abordagens. Nosso texto é breve e sem grandes pretensões. Por isso, apenas suscita algumas reflexões. É importante que evangelizadores e educadores se sintam engajados em se atualizarem sobre a temática. Há uma diversidade de literatura a respeito.

Ao final, voltemos ao diálogo do acendedor com o Pequeno Príncipe, repor-

tado no início deste artigo. A continuidade da conversa nos mostra que não houve solução para o problema daquele pequeno planeta que girava cada vez mais veloz. Primeiramente, porque as normas não mudaram. Em segundo, porque o operário não aceitava sugestões, não queria nada de novo em seus métodos. As lições de Saint Exupéry são muito atuais, sobretudo dentro do contexto digital. Entre as qualidades mais importantes em nossa contemporaneidade está a capacidade de adaptação, unida à abertura às mudanças. Em nosso tempo, aceita-se com mais dificuldade o envelhecimento, porém, talvez não percebamos o quanto nossas ideias e estratégias ficam obsoletas. Então, criamos uma roupagem nova que cobre corpos envelhecidos, personagens que não acompanham a aceleração. Estaríamos nós entre eles? Certamente sim, em alguma medida.

Por outro lado, há valores que continuam perenes: discernimento, solidariedade, diálogo, encontro, ascese, cuidado são características da experiência cristã. Consideremos também outros indicativos contidos nas linhas de ação pastoral da ANEC. Não esqueçamos a ambiguidade deste tempo que carrega o novo e o arcaico no mesmo bojo. Que não tropeçemos na armadilha do fascínio da novidade, desconsiderando seus riscos. Por outro lado, que o apego ao antigo não seja pretexto para imobilidade. A este respeito, já alertara Jesus: "Vinho novo em odres novos!" (Mt 9,17).

REFERÊNCIAS

- AGASSO JR. Domenico. Do "like" ao "amém", perigos e vantagens da internet, segundo Francisco. **IHU**, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586306-do-like-ao-amem-perigos-e-vantagens-da-internet-segundo-francisco>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. Rev. trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOTERO, José Silvio. **Posmodernidad y juventud: riesgos y perspectivas**. Bogotá: San Pablo, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CELAM. **Documento de Aparecida**; texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese**. Brasília: CNBB, 2020.
- DEMARZO, Marcelo Marcos; CAMPAYO, Javier Garcia. **Manual prático Mindfulness: curiosidade e aceitação**. São Paulo: Palas Athenas, 2015.
- EXUPÉRY, Saint. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- FRANÇA MIRANDA, Mário. O Cristianismo entre o próximo e o distante no processo comunicativo. In: ALTEMEYER JR. Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (org). **Teologia e comunicação: corpo, palavras e interfaces cibernéticas**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FRANCISCO. **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro**. Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.
- _____. **Exortação Apostólica Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- _____. **Exortação Apostólica Gaudete et Exultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

HAMAD, Nazir. Os jovens ou os “novos monstros”. In: FERNANDEZ, Claudia Mascarenhas; RASSIAL, Jean-Jacques (Org.). **Crianças e adolescentes**: encantos e desencantos. São Paulo: Instituto Langage, 2012.

KUZMA, Cesar. Youtubers ou inquisidores, profetismo ou difamação: desafios para a evangelização no universo cultural nas redes sociais. **IHU**, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586308-youtubers-ou-inquisidores-profetismo-ou-difamacao-desafios-para-a-evangelizacao-no-universo-cultural-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 08 set. 2020.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan. **Crisis y apología de la fe**: evangelio y nuevomilenio. Santander: Sal Terrae, 1995.

SBARDELOTTO, Moises. **E o Verbo se fez rede**: religiosidade em reconstrução no ambiente virtual. São Paulo: Paulinas, 2017.

SOCIEDADE DE CATEQUESTAS LATINO-AMERICANOS – SCALA. **Linguagens da cultura midiática e catequese**. São Paulo: Salesiana, 2001.

SPADARO, Antonio. A comunicação não excomunga. Cinco pontos da mensagem do Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações. **IHU**, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/551138-a-comunicacao-nao-excomunga-cinco-pontos-da-mensagem-do-papa-francisco-para-o-50o-dia-mundial-das-comunicacoes-artigo-de-antonio-spadaro>>. Acesso em: 07 set. 2020.

ARTIGO

ESCOLA EM PASTORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CONECTADAS

Leia Raquel de Almeida e Adriano Jacó Sauer

RESUMO

Este artigo é um registro do olhar sobre a escola em pastoral durante o período de distanciamento social que condicionou o ensino a estudos domiciliares. Por consequência da pandemia pela COVID-19, a Educação Básica ressignificou suas práticas na transposição das aulas presenciais para atividades remotas. No caso da escola confessional, junta-se às questões acadêmicas o imperativo de manter as atividades com intencionalidades voltadas para o cultivo da espiritualidade, para a evangelização e para a prática da solidariedade tão necessária para esse tempo vivido. Evidenciamos essa possibilidade citando algumas das estratégias que foram desenvolvidas, no primeiro semestre de 2020, em duas escolas de redes de ensino confessionais em Porto Alegre. E, por fim, realçamos a importância de uma proposta educativa metodologicamente diversificada, essencialmente pedagógica e pastoral.

PALAVRAS-CHAVE: Escola em Pastoral. Pandemia. Conexões.

LEIA RAQUEL DE ALMEIDA

Pedagoga. Mestra em Gestão Educacional e Doutoranda em Educação, pela Unisinos. Atua como vice-diretora educacional do Colégio Marista Rosário – Porto Alegre.

CONTATO: leia@maristas.org.br

ADRIANO JACÓ SAUER

Psicólogo. Bacharel em Ciências da Religião. Atua como coordenador de pastoral do Colégio La Salle Santo Antônio – Porto Alegre.

CONTATO: adriano.sauer@lasalle.org.br

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA

A escola católica é um espaço de aprendizagens e do cultivo de valores onde se privilegia o cuidado com a vida, por meio das relações de solidariedade e fraternidade. Inspirada na antropologia cristã, torna-se manifesto, no seu Projeto Pedagógico, a opção pela evangelização por meio da Educação, a partir do Projeto de Jesus Cristo. A expectativa é que, em uma comunidade educativa com essa intencionalidade, todos os seus atores estejam envolvidos com o propósito da evangelização. Segundo Sandrini (2015, p. 11), “para o educador cristão, a ação evangelizadora pastoral tem uma dimensão educativa, e a educação tem uma dimensão evangelizadora pastoral”.

Sob o viés de uma escola em pastoral, concebemos práticas educativas que articulam as dimensões acadêmicas permeadas por valores evangélicos numa proposta administrativa sustentável. Na compreensão de Balbinot (2010, p. 61),

“ a proposta de uma escola em pastoral não se concretiza somente com discursos ou com uma equipe de pastoral na escola que insista na sua importância. É necessário tomar uma decisão de gestão. A partir de uma decisão geral de gestão a escola em pastoral passa a compor a própria missão da instituição e, assim, cada um de seus projetos ou planos. ”

Reiterando, uma escola em pastoral é uma escola comprometida com a vida em todas as suas dimensões e de forma atemporal, pois caminha acompanhando demandas dos diferentes tempos, nos contextos em transformação.

O que vivemos no transcorrer do ano de 2020 desafiou as escolas a retomarem suas práticas, ressignificando a sua forma de oferecer e desenvolver o ensino e a aprendizagem por meio do ensino não presencial. Nesse sentido, não só as práticas pedagógicas, na dimensão do desenvolvimento das competências acadêmicas, foram renovadas, mas, também, foi necessário repensar estratégias que dizem respeito ao desenvolvimento de novas formas de nos relacionar com os outros e com o mundo.

Interpelados de forma inesperada sobre questionamentos complexos em torno das questões culturais, econômicas, religiosas, políticas, educacionais, fomos mobilizados para novas formas de aprender, de viver e de conviver sob o risco eminente de morte, de desigualdade social abissal e de degradação da dignidade humana. Considerando essa condição tão inédita para nossa geração, nunca foi tão essencial retomar os valores que nos tornam humanos comprometidos com a defesa da vida, em comunhão fraterna nesta grande Casa Comum. Como o Papa Francisco atenta:

“Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna. (PAPA FRANCISCO, 2020).”

O presente artigo é resultado de um olhar sobre as práticas pastorais, demonstrando vivências e experiências desenvolvidas em duas escolas privadas, confessionais, católicas de diferentes instituições de ensino, na cidade de Porto Alegre/RS. Diante disso, sem fazer distinção, destacaremos diferentes estratégias com a intencionalidade de preservar o cultivo da fé, da solidariedade e do cuidado de si e dos outros, tão necessário em todos os tempos. Se a escola se reinventa, a pastoral também se transforma.

2. POSSIBILIDADES DE CONEXÃO

“As cruces e luzes do nosso tempo passam pela educação.”
(Pe. Zezinho)

É próprio do contemporâneo que as relações humanas sejam entremeadas por redes. Cada vez mais, comunicamo-nos, relacionamo-nos, aprendemos e conhecemos o mundo tecendo redes de contato, de conhecimento e de afeto. Sob o signo da globalização e de um contexto transformado pela tecnologia, podemos

dizer que uma das características do contemporâneo é a própria habilidade de conexão. Inspirados pela epígrafe do Pe. Zezinho, concebemos que as conexões produzidas no contemporâneo podem representar cruces ou luzes do nosso tempo e estão presentes, de forma especial, no modo de fazer e viver os processos na Educação.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2004) aponta uma transformação na linguagem sobre os relacionamentos, demonstrada na forma com que as pessoas nomeiam essas experiências, substituindo o termo relações por conexões. Segundo ele, “as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha” (BAUMAN, 2004, p. 12), ressaltando certa fragilidade. Corre-se o risco de estarmos constantemente conectados e frequentemente isolados. No caso do distanciamento social, como estratégia de prevenção à disseminação do novo Coronavírus, a conexão estabeleceu a forma emergente de nos manter ligados nas relações com as pessoas e, de forma inédita, com escola.

Da mesma forma com que a fragilidade das relações estabelecidas por conexão pode parecer uma das diversas cruces que permeiam a contemporaneidade, também pode representar luzes quando se refere ao conectivismo como possibilidade de aprendizagem, de proximidade e de desenvolvimento de processos empáticos e criativos que nos possibilitam ser, estar, conhecer e intervir no mundo.

Segundo Carbonell (2016), o comparti-

lhamento facilita as mais diversas possibilidades de interconexões, mobilizando as escolas a produzirem diferentes sentidos na dinamização dos seus processos de ensino e aprendizagem, por meio da produção de pedagogias inovadoras. Ainda segundo o autor, o objetivo destas pedagogias inovadoras no século XXI é de “educar o olhar, as inteligências múltiplas e as diversas linguagens comunicativas para descobrir, explorar, perceber e sentir o que acontece na cidade” (CARBONELL, 2016, p. 14). Por isso, a educação escolar vem sendo desafiada a dar respostas condizentes, ligadas e articuladas aos diferentes contextos pelos quais ensina e produz aprendizagens, sentidos e significados entre os sujeitos.

Logo é possível dizer que a escola em pastoral, nessa abordagem e condição, é igualmente desafiada a desenvolver as competências acadêmicas e tecnológicas preconizadas no seu projeto pedagógico, sem preterir a educação das sensibilidades, do cuidado com a vida e do respeito à dignidade humana, em situações e ambientes diversos.

Por consequência da pandemia, as escolas confessionais se organizaram para desenvolver seus planos de estudos de forma remota, organizando suas atividades em ambientes virtuais de apren-

dizagem. Com efeito, outras estratégias que eram desenvolvidas na escola confessional, como retiros, formação com estudantes, experiências de cultivo da fé e atividades relacionadas à solidariedade também foram redimensionadas por meio das ferramentas tecnológicas¹.

Parecia improvável a imersão dos sujeitos em estratégias de cultivo da fé, dinamizados por meio da tela de um computador ou pelas redes sociais. Contudo, pelo que se observou das práticas pedagógicas pastorais, endossamos não só a necessidade de manter ativa a escola em pastoral - mesmo numa emergência remota - como também reconhecemos a necessidade de ampliar canais de interação por meio das diferentes conexões.

3. ENTRE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DIFERENCIADAS

No dizer de Han (2017, p. 84), “nas experiências encontramos o outro; nas vivências, ao contrário, sempre encontramos a nós mesmos”. A partir dessa compreensão, torna-se imperativo para a escola católica oportunizar vivências que ajudem nesse processo de deslocamento de uma prática de interiorização que incida no autoconhecimento e se estenda para as práticas comunitárias, solidárias e de defesa da vida, próprias da antropologia cristã. Assim, por meio

1 Ao falar sobre as ferramentas tecnológicas, queremos ampliar para todo o conjunto de tecnologias (plataformas, recursos digitais, redes sociais...) que possibilitam as mais diversas “formas de fazer e intervir no mundo da educação” ampliando o conceito das TICs, como fazem os autores SANCHO et al. (2006).

de vivências que mobilizam para a interiorização – seja pela experiência aqui descrita como a possibilidade de encontro com o outro – a escola em pastoral tornou-se materializada e evidenciada no ensino remoto.

Diante disso, na continuidade, discorreremos sobre algumas dessas vivências e experiências realizadas, com a intenção de preservar os valores evangélicos atribuídos às propostas pedagógicas diferenciadas. Entre essas vivências e experiências, destacamos momentos específicos de oração e cultivo da espiritualidade entre estudantes, funcionários e professores, celebrações por ocasião às festas católicas, proposições enfatizando a solidariedade e atividades com interface a outros serviços da escola, como orientação educacional e coordenação pedagógica.

Faz parte da organização das aulas, nestas escolas confessionais, iniciar o turno com um momento destinado à *oração e reflexão*. Esse momento tem a intenção de alimentar, cotidianamente, a espiritualidade própria dos carismas institucionais, procurando, com isso, também estar em sintonia com a vida da Igreja e da comunidade educativa. No caso dos estudos domiciliares, em que parte das aulas foi redimensionada para uma modalidade *online*, esses momentos foram igualmente trabalhados nas mais diversas abordagens. Assim, destacamos as orações dos professores e estudantes no início das aulas virtuais e a orientação para a vivência de mo-

mentos orantes em família, por meio de vídeos disponíveis nos ambientes virtuais e espaços específicos de reflexão nas redes sociais das escolas.

A exemplo da Igreja, a qual adaptou seus rituais para a transmissão *online*, as escolas organizaram suas celebrações utilizando redes sociais e outras plataformas digitais. Isso foi exemplificado nas festas próprias dos carismas institucionais e nas vivências das solenidades centrais da vida católica: Páscoa, Pentecostes e Corpus Christi, com profundas experiências religiosas.

A solidariedade é a concretização da fé cristã. Seguindo a premissa de Jesus Cristo: "Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes" (Mt 25,40), Comprometidas e sensibilizadas com as diferentes realidades, as comunidades educativas procuraram meios criativos para atender as necessidades de pessoas em situações de vulnerabilidade social. Desde a coleta de alimentos, agasalhos e produtos de higiene e cuidado com a saúde – muitas foram as arrecadações promovidas pelos grupos de jovens, voluntários, associações de pais e professores, articulações de ex-alunos. Além dessas ações, outras possibilidades coerentes com o tempo vivido foram desenvolvidas como produção de cartas dos estudantes em reconhecimento e gratidão aos profissionais da saúde, produção de proteção facial *face shield*, no laboratório *maker*, com impressora

3D, destinada aos pequenos comércios do entorno da comunidade educativa. Ainda, integrando a missão de cuidar da vida, num trabalho harmonizado com a Orientação Educacional, o Serviço de Pastoral oportunizou a escuta sensível e ativa de estudantes, famílias e educadores, auxiliando na superação das dificuldades próprias do tempo de pandemia. Essa atividade foi de forma *online* para cada público e série, envolvendo estudantes, famílias e professores, em grupos separados. No registro dessa experiência, pode-se comprovar a gratidão dos educadores e das famílias pela oportunidade de diálogo proporcionado pela escola. Esses momentos privilegiaram a partilha dos sentimentos e a recordação da vida de cada sujeito que se dispôs a falar sobre seu modo de viver o período de distanciamento social.

Nessa perspectiva, a pastoral escolar, juntamente com os professores, desenvolveu ações específicas sobre o projeto de vida dos estudantes, com atenção a uma projeção de futuro que, por vezes, parece tanto mais incerto. Para isso, foram utilizadas ferramentas de conversação e interação para essa finalidade. Uma dessas proposições foi a escrita de cartas pelos estudantes, cujo conteúdo era a sua resposta sobre a pergunta: quem é você, jovem? Essas cartas foram apreciadas por educadores que mediarão por meio da Plataforma ZOOM, a conversação em torno desses escritos, à luz do Projeto de Vida. Foi possível perceber que atividades como esta aproximaram os es-

tudantes ainda que, fisicamente distantes, para a retomada dos seus sonhos, ampliando suas perspectivas e mobilizando-os para o engajamento.

4. MAIS LUZES PARA O CAMINHO

*“Continuem sendo
iluminados e iluminadores.
Vocês, com suas escolas,
suas universidades, vocês
são mensagem de esperança.
Vocês vivem no meio dos jovens...
Vocês vivem uma mística
fundamental, que é ensinar a entender
o mundo em que eles vivem”
(Pe. Zezinho)*

Escolhemos finalizar este artigo com um destaque da fala do Pe. Zezinho em uma das atividades de formação realizada por meio das redes sociais, por ocasião do mês vocacional deste ano. Nessa oportunidade, anima-se a missão da escola em pastoral, indicando o quanto esses espaços de formação e evangelização podem contribuir para a vivência da espiritualidade, a compreensão e desnaturalização das coisas do mundo, anunciando uma mensagem de esperança.

Gostamos de acentuar a ressignificação das práticas pedagógicas que defendem o compromisso com o ensino e a aprendizagem, ampliando alternativas metodológicas diversificadas. É visível essa transformação que incide na articulação das práticas pedagógicas, alicerçadas nos valores humanos e ins-

titucionais e sua atualização permanente. Também é visível que as escolas confessionais não esmoreceram nas suas proposições evangélicas - ainda que virtuais, remotas, à distância - tão necessárias neste tempo difuso.

Por certo, estas e outras tantas estra-

tégias pedagógicas diferenciadas, com a intenção de manter o cultivo da fé e a formação humana, podem ser potentes sinais para o desenvolvimento de uma proposta educativa metodologicamente diversificada, comprometida com o seu tempo histórico, essencialmente pedagógica e pastoral.

REFERÊNCIAS

BALBINOT, Rodinei. **Educação e espiritualidade: fundamentos da escola em pastoral**. Xanxerê - SC: News Print Gráfica e Editora Ltda, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARBONELL, Jaume. **Pedagogias do século XXI**. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

FRANCISCO. Renovar a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva. **Vatican News**, Roma, 20 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-encontro-plenaria-educacao-catolica.html>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2017.

Pe. ZEZINHO. Roda de Conversa com Pe. Zezinho - Mês Vocacional Lassalista. **Rede La Salle**, 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=shnHnq-AjqY>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANCHO, Juana María et al. (Org). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANDRINI, Marcos. **Como estrelas no céu: desafios da pastoral da educação**. São Paulo: Paulus, 2015.

ARTIGO

A DISPUTA PELA ATENÇÃO: INFLUENCERS E EDUCAÇÃO

Gregory Rial

RESUMO

Este ensaio crítico analisa o fenômeno de influenciadores digitais sob três perspectivas: em primeiro, a partir da compreensão da relação de influência e como ela se especifica no ambiente digital; em seguida, a economia da atenção e como ela se estabelece numa intrincada relação entre mercado e algoritmos e, por fim, em chave bíblica, como as escolas confessionais podem colaborar para o debate em torno deste fenômeno. O teor crítico desse ensaio visa uma desconstrução do papel do influencer em vistas de uma libertação integral do ser humano e a construção de um humanismo solidário no qual interesses pessoais são substituídos pelo interesse do bem comum.

PALAVRAS-CHAVE: Influencer. Influenciadores. Educação. Algoritmo. Economia de atenção.

GREGORY RIAL

Doutorando em Comunicação Social pela UFMG, mestre e graduado em Filosofia. Professor de Ciências Humanas da Educação Básica e coordenador de Pastoral no Colégio Nossa Senhora daS Dores, em Belo Horizonte, MG. Coordenador do GT de Pastoral ANEC MG.

CONTATO: rial.gregory@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O que você quer ser quando crescer?”. Fiz esta pergunta clássica aos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, em 2016. A resposta me chamou a atenção: muitos disseram que gostariam de ser *youtubers*. Fosse, talvez, na década de 90 diriam: “quero ser jogador de futebol”. Mas nos anos 10 deste século, passamos de meros curiosos por tecnologia a habitantes de um universo completamente novo. Em 2016, *youtuber* era uma profissão em surgimento, enquanto, hoje, está mais que consolidada. De lá pra cá, houve uma evolução inclusive do termo: *blogueiros*, *vloggers*, *youtubers*, até a adoção cada vez mais aceita da terminologia em inglês – *digital influencer* – ou sua tradução – *influenciador digital*, ou simplesmente *influencer* para designar todos aqueles produtores de conteúdo que conseguem arrebanhar público e se conectar aos usuários de plataformas e redes sociais.

Os influenciadores digitais são pessoas que constroem um campo de atuação, baseado na legitimidade do conteúdo que publicam na internet, e que participam da construção de um fenômeno cultural mais amplo que os estudiosos da Comunicação chamam de *transmídia*. Karhawi (2017) explica que a mudança de terminologia não foi fortuita. Por trás da construção do termo *influencer* está um processo de aprimoramento da relação de influência que deixou de ser produto-consumidor para formar uma vasta rede de conteúdos-produ-

tos-anunciantes-comunidade, na qual o amálgama da relação não é o conteúdo virtual disponibilizado, mas a pessoa e as tramas de identificação que se possa estabelecer com o público.

Considerando que este fenômeno tem cada vez mais participado das formações identitárias de crianças e jovens, é que lançamos um olhar pastoral a fim de compreender potencialidades e limitações da relação de influência digital, bem como as possibilidades de nosso agir, a partir da Pastoral Escolar e do próprio campo educativo.

1. A RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA

De modo geral, a relação de influência social – estudada por psicólogos desde, pelo menos, o século XVIII (GOUVEIA, 2013, p. 357-361) – é caracterizada quando as ações de uma pessoa condicionam as ações de outras (SECORD; BACKMAN, 1964, p. 462). Desta primeira definição, podemos inferir que a relação de influência acontece desde que o homem passou a se organizar em sociedade. Existem traços comuns a todas as relações de influência: identificação, conformismo, obediência, entre outros. No entanto, o aparecimento do *digital* como espaço de socialização modifica substancialmente a relação de influência entre os atores envolvidos, trazendo apelos de ordem estética e semiótica que precisam ser analisados. A diferença da influência digital para outras formas de influência é marcada por um

processo que vai desde a atração até o distanciamento com o *influencer*, num percurso que marca a subjetividade das crianças e dos adolescentes e forma sua maneira de pensar, de ser e de consumir.

Um primeiro aspecto da relação de influência é a *atração*. O influenciador digital trabalha para “atrair” seguidores, num processo de exposição de si em que revela sua identidade virtual ao público. Note-se, desde já, que esta identidade é forjada e não corresponde a quem, de fato, aquele influenciador é. O objetivo desta exposição é produzir *atração*. Este é o ponto chave da captura da atenção como a *commoditie* mais preciosa e mais valorizada no novo mercado (KARHAWI, 2016, p. 42). Se antes, empresas disputavam preço de minerais e petróleo, hoje, o que é mais caro é a atenção dos usuários das redes sociais e seus dados. Aliás, o mundo multiplicou exponencialmente seu tamanho a partir da era do *big data*, de modo que a gestão desses dados não está mais sob o olhar de uma pessoa humana, mas de uma entidade matemática – um algoritmo – que opera a distribuição da atração e das atenções na internet.

Em geral, a atração se desenvolve por nichos de interesse. Existem influenciadores de jogos, maquiagem e moda, estilo de vida, fitness e esportes, políticas e espiritualidade. Todos estes influenciadores tendem a produzir conteúdos de captura e atração de modo que os adolescentes e jovens tenham interesse e passem a segui-los. No entanto, entre

o conteúdo ser encontrado pelo usuário e o engajamento do usuário naquele perfil, encontramos a *identificação* como mediadora. O que chamamos de identificação, na verdade, é uma trama psíquica pela qual o indivíduo apreende os atributos do outro e modifica-se, total ou parcialmente (PEDROSSIAN, 2008, p. 418). Embora seja um fenômeno psíquico natural da mente humana e, em certa medida, necessária para a constituição da coletividade, a *identificação*, quando aplicada ao contexto da influência digital merece nossa atenção. Isso porque este processo é apropriado pelo que tem sido chamado de computação ubíqua a fim de que sua permanência em nossa vida modifique nosso padrão comportamental.

// *A computação ubíqua tem a finalidade de conectar o mundo digital online ao cotidiano dos seres humanos como algo indispensável à vida humana. Podemos considerar que essa necessidade se assemelha a uma função humana natural como, por exemplo, respirar.* (TAVARES, 2019, p. 136). //

E tal processo de identificação é feito por meio do que foi definido como *persuasive design* ou design persuasivo, que visa desenhar aplicativos, conteúdos digitais e aparelhos a fim de modular comportamentos, atitudes e mesmo escolhas vitais dos usuários (FOGG, 2002; 2009).

Nesse sentido, a identificação que se basearia, tradicionalmente, num dinamismo *empático* (No conceito de Hus-

serl, 2006 e Stein, 2003) de percepção da consciência alheia e resposta em nível relacional, é invertida de modo que o movimento empático é produzido intencionalmente pelo influenciador com uma finalidade específica que é a de angariar sua atenção e engajamento. Logo, para que a identificação com o influenciador se estabeleça uma intensa disputa simbólica é acionada. Lança-se mão da sutileza dos signos e das imagens, das textualidades verbais, sonoras e visuais a fim de compor o que gostaríamos de denominar de *paisagem do Mesmo*, ou seja, um espaço confortável no qual o usuário veja a si próprio – e, por consequência, se identifique – e assim adira a tal conteúdo. A identificação ocorreria, dessa forma, por meio de diversos dispositivos estéticos, morais, de entretenimento, ideológicos, religiosos. Noutras palavras, a identificação com um influenciador não é algo fortuito ou natural, mas o resultado de uma disputa pela atenção, intencionalmente arquitetada pelos produtores de conteúdo que invertem o processo fazendo-o sair não mais do sujeito, mas do próprio conteúdo/ influenciador. Será, então, o processo de atração-identificação uma espécie de *feitiço/ encanto* jogado sobre os usuários das redes? Retomaremos essa questão à frente.

Fato é que, uma vez atraídos e produzida a identificação, ocorre o engajamento que é o momento matematicamente mensurável e que confirma se as estratégias de marketing funcionaram. É preciso recordar que, por detrás da

produção de conteúdo estão interesses de ordem financeira, como a monetização de vídeos por meio da viralização ou o marketing digital que paga aos influenciadores para que divulguem seus produtos. Logo, o *engajamento* é o momento em que o conteúdo – seja ele qual for – recebe a adesão dos usuários e tal adesão significa dar *likes*, compartilhar e replicar conteúdos, salvá-los ou ainda interagir com eles. Cada uma destas reações de engajamento aumenta o poder de influência do *digital influencer*, pois existe uma leitura algorítmica feita pela plataforma que impulsiona o conteúdo a chegar a mais e mais usuários.

A partir do *engajamento* forma-se outro comportamento, desta vez, de caráter mais amplo e social, que é o *pertencimento*. Na medida em que o indivíduo se engaja naquele conteúdo, descobre outros usuários que, como ele, também possuem os mesmos interesses numa espécie de dilatação do fenômeno de identificação. Se antes a identificação concentrava-se no *influencer* e seu conteúdo, agora, existe uma formação de coletividade, de pertencimento ao grupo (FREUD, 1976).

O pertencimento, no entanto, não é vinculante. A liquidez, apontada por Bauman (2016; 2017), como incapacidade de criar vínculos duradouros estende-se, como que naturalmente, para as relações digitais. Junto ao pertencimento está o *distanciamento* do influenciador no processo reverso da identificação ou como seu efeito colateral, pois

esta deserção é motivada, em geral, pela insignificância do conteúdo (desinteresse, irrelevância, repetição) ou por alguma atitude do próprio influenciador que contraria os posicionamentos de sua comunidade. Assim, o processo de influência digital chega ao fim, mas não sem deixar uma marca.

Numa pesquisa simples efetuada com 71 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola católica de Belo Horizonte, de classe média-alta, 76% se consideram influenciados por produtores de conteúdo nas redes sociais. Destes, 58% dizem ter sido influenciados em seu comportamento cultural (o que vê, assiste, lê ou joga); 53% admitem ter sido influenciados na construção de opiniões; e 32% afirmam que já compraram algo a partir do marketing promovido por um influenciador. Ao passo que quando perguntados se já se desencantaram com algum influenciador digital, 83% disseram que sim e quando questionados se já odiaram algum *influencer*, 61% responderam sim. Note-se que estes estudantes são susceptíveis ao mecanismo da influência, embora, também, demonstrem certo posicionamento "crítico" frente aos influenciadores quando estes não lhe agradam.

Entretanto, diante do exposto, resta-nos explorar ainda dois denominadores comuns que servirão de problematização pastoral: o algoritmo e o neocapitalismo. Primeiramente, o problema levantado pelos algoritmos engloba a questão da liberdade – entendida nos

critérios de Agostinho e Sartre. Pode-se considerar que alguém seja livre no universo digital quando os algoritmos determinam a oferta de conteúdos? Como já notamos, o processo de identificação é subvertido, pois não parte mais de um movimento do sujeito na direção do que lhe é externo, mas sim numa captura da atenção deste sujeito por algo devidamente produzido para isto, ou seja, é um sujeito cuja autonomia está comprometida por um mecanismo coercitivo que lhe perpassa dimensões muito profundas e inconscientes. Ao mesmo tempo, existe uma possibilidade que é a de rejeitar esta oferta: mas nossos estudantes são resilientes o suficiente?

Ademais, o algoritmo produz uma sociedade antissocial, marcada pela criação de bolhas ideológicas e estéticas, nas quais existe um império do *Mesmo* e uma sistêmica negação da alteridade. É graças a esse poder atomizador do algoritmo – que seleciona o que me é oferecido a partir dos *meus* interesses pessoais – que se estabelecem a polarização, o discurso de ódio e as violências simbólicas. Os algoritmos nos protegem das diferenças, entendidas não como riqueza, mas como ameaças. Logo, existe uma tendência que é a produção de subjetividades sempre mais autocentradas e sempre mais fechadas em suas próprias cosmovisões o que implica, necessariamente, num problema político.

Juntamente ao sério problema do algoritmo e o déficit formativo que ele gera ao impedir o contato com o diferente,

está o poder mercantilizador do neocapitalismo que transforma os conteúdos em mercadorias consumíveis e precificáveis. Neste sentido, é preciso compreender que a relação de influência digital não é apenas instrumento do capitalismo para a oferta de produtos, mas, é ela mesma um produto do capital, ou seja, ocupa a dupla posição de produtora e mercadoria. Logo, é válido um contínuo questionamento sobre os interesses do capital por detrás dos conteúdos digitais que consumimos e também dos influenciadores, especialmente, no âmbito do problema da liberdade. Por um lado, o consumo nos oferece a falsa sensação de livre-arbítrio, mas por outro acontece, simultaneamente, um arrefecimento de nosso espírito crítico e uma colonização do pensamento. Nesta diátribe armada pelo algoritmo e pelo capital (produzido e reproduzido no algoritmo) perguntamos: onde e como fica o coração humano?

2. PARA ALÉM DA INFLUÊNCIA: A ECONOMIA DA ATENÇÃO

Como apresentado, a relação de influência lida com algo bastante precioso no mundo do *big data*: a atenção. Antes de entrarmos a fundo na questão própria dos influenciadores, é preciso deter-se sobre esta que tem sido denominada “Economia da Atenção” (CITTON, 2016; CRARY, 2014; DAVENPORT, BECK, 2001; GOLDHABER, 2017). É certo que a velocidade das informações, a quantidade de dados, imagens, textos, vídeos e a constante demanda que temos para reagir,

compartilhar e responder nas redes sociais modificou nossa atenção. Entretanto, mais do que alterar nossa capacidade atencional, essa mudança vem acompanhada de uma crescente monetização da atenção, num processo que estudiosos de Economia Comportamental e Ciências da Comunicação têm denominado de *economia psíquica dos algoritmos* (BRUNO; BENTES; FALTAY, 2019).

Nesse processo, a atenção é transformada numa espécie de moeda valiosa, capaz de produzir riqueza para aqueles que investem nesse “capital”. Tal situação comporta uma série de camadas problemáticas: existe um problema evidentemente cognitivo (IVES, 2013, p. 9) sobre as alterações neuronais e nossa capacidade mental; o que desenrola, de imediato, uma questão filosófica (TAVARES, 2019; DENNET, 2005) sobre o espaço da liberdade num contexto de arquitetura de escolhas,

// *termo que, segundo Bentes (2019, p. 224), designa a “organização específica dos contextos nos quais as decisões são tomadas a fim de influenciar o comportamento em certa direção. Na estrutura das plataformas digitais, a arquitetura de decisões pode envolver diferentes tipos de escolhas que vão desde a elaboração da interface, o design de softwares, os recursos técnicos das próprias plataformas, até os modelos de previsibilidade que definem o quê, como, quando, onde e a*

quem certos conteúdos são apresentados. Combinando os saberes e ferramentas das ciências de dados e das ciências psicológicas e comportamentais, portanto, as engrenagens da economia digital vão aperfeiçoando a capacidade técnica e estratégica de influenciar os comportamentos enquanto eles acontecem”. //

Além disso, existe um problema epistemológico que reflete a nossa compreensão do mundo, acrescenta-se um problema econômico - Bruno Poter, G., & Souto, C. (2019) escrevem sobre como o capitalismo se rearranjou a partir do digital e transformou-se num “capitalismo de vigilância” -, pois cria-se um mercado em torno de algo que é completamente individual, pessoal e íntimo, mas sobretudo há um problema ético-político, porque na medida em que tal *economia* se desenvolve, efeitos de ordem social e moral são detonados em níveis diversos.

Assim, todo o movimento em todo dos influenciadores digitais deve ser compreendido sob a ótica da disputa atencional com intencionalidade financeira. Sob esta perspectiva, o mercado da atenção - sustentáculo de toda a cultura *influencer* - é a grande chave para compreendermos o papel da Educação, especialmente a confessional católica, na dinâmica da formação integral que visa formar não apenas acadêmica e cientificamente, mas também emocional, social e afetivamente. Nesse sen-

tido, recorremos ao ensinamento de Jesus - baliza central da prática pedagógica cristã - para aprender como viver dentro dessa realidade.

3. O TESOURO E O CORAÇÃO

Voltando-nos ao Evangelho, encontraremos uma referência clara ao que significa a atenção: “porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mt 6,21). Este versículo do Evangelho de Mateus coloca-se na cadeia de orientações de Jesus durante o sermão da montanha sobre a esmola (v. 1-4), a oração (v. 5-15) e o jejum (v. 16-18). Ele faz a ligação entre duas orientações muito pontuais. Os versículos 19 e 20 falam da nossa relação com o acúmulo de riquezas - juntar tesouros na terra ou no céu? Deixar que a traça corroa ou não? A questão aparentemente material é logo suplantada pelo versículo em questão - o 21 - que diz abertamente que nosso coração (entendido como imagem da subjetividade) está voltado para aquilo que consideramos tesouro, riqueza, valor. Ora, o aparente descolamento da questão material para a questão valorativa significa que o maior tesouro que temos somos nós mesmos e que quando investimos demasiado de nós em tesouros “da terra”, podemos ser iludidos ou sermos “corroídos” pela traça e pela ferrugem.

Este versículo torna-se, então, a chave de abertura do próximo conselho, relacionado ao olho: “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus

olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”. O jogo olho-luz/trevas remete-nos, mais que ao órgão sensorial da visão, à imagem do olhar como intencionalidade, direcionamento da atenção, interesse. Existe um critério não moralizante, mas existencial em torno do ver: se a visão (atenção) é a lâmpada do corpo, isso significa que toda vida de uma pessoa é iluminada e guiada por aquilo que recebe sua luz. Nossa atenção é muito mais que uma capacidade cognitiva. Ela é a possibilidade de encontrarmos sentido para nossa existência. É dessa maneira que Jesus interpela a cada pessoa do século XXI: para onde olhas? Para quem olhas? Por quanto tempo olhas? Sabes dizer onde está teu coração?

A partir desta aproximação teológica, constatamos que a cultura *influencer* vem, em certa medida, ocupar uma lacuna deixada entre crianças, adolescentes e jovens. Aspectos constitutivos da própria pós-modernidade (ou hipermodernidade) como o enfraquecimento de lideranças fortes e as metanarrativas que elas encampavam (LYOTARD, J. F. A condição pós-moderna), bem como era da deserção institucional (LIPOVETSKY, G. A era do vazio. Deserção em massa) e o perene estado de crise social abriram espaço para que outras lideranças surgissem. Evidentemente, os *influencer* são líderes que conseguem atrair, provocar identificação, engajamento e per-

tencimento, justamente, porque saciam uma sede, ou porque respondem a alguma busca e também porque se aproximam do seu público com uma linguagem compreensível. Por que, neste final da segunda década do século XXI, muitos educadores, agentes de pastoral, padres e religiosos não conseguem construir uma relação próxima de influência com a juventude? Porque sua linguagem é distante, seu conteúdo irrelevante e sua moral duvidosa.

Dessa forma, existe uma demanda por sentido existencial que está posta às crianças, adolescentes e jovens e que, em parte, é suprida pelo mercado de *influencers*. Mas será que essa resposta é suficiente? Pensando que influenciadores digitais tornam-se parte de uma cadeia financeira, em que o objetivo principal – e nem sempre exposto – é a monetização da atenção, podemos dizer que a lógica dos *digital influencer* não é propor um caminho de libertação, mas de captura. O que garantirá seu sucesso não é tornar os usuários livres por meio de seus conteúdos, mas dependentes dele. Por esta razão, as escolas confessionais católicas podem colaborar na construção de uma espiritualidade madura em seus estudantes uma vez que apenas um espírito forte, amadurecido e convicto é capaz de discernir o que de fato alimenta sua vida daquilo que, travestido de tesouro, suga-lhe as forças.

Outro aspecto que se analisa é quanto à qualidade deste discernimento já que, como foi dito, a economia da aten-

ção com suas sofisticadas ferramentas (*persuasive desing*, computação ubíqua, psicométrica algorítmica) impede uma apropriação realmente “livre” dos conteúdos apresentados. O direcionamento de conteúdos e a persuasão contínua embotam a capacidade crítica. Ora, o que uma Educação Católica, comprometida com a formação integral, pode oferecer de mais útil é um aguçado e bem formado senso crítico. Elaborado não apenas como recurso teórico, mas como um grande filtro existencial que se acopla à espiritualidade. É o senso crítico que nos ajuda interpretar a realidade e não apenas nos submeter a ela. E é este mesmo senso crítico que nos permite desenhar futuros – sonhar, projetar, desejar. Um problema residual da vida conectada é a constante presentificação que torna tudo instantâneo demais e que mina nossos mecanismos de esperança.

O senso crítico é justamente a inserção de uma pausa, de uma distância, de um descolamento do conteúdo digital. Diante dos influenciadores digitais, por exemplo, o senso crítico opera como questionador das verdades que são apresentadas como últimas, regulador das tendências de consumo, desconstrutor da identificação automática e irrefletida dos usuários com os influenciadores. O senso crítico agiria como elemento mediador da relação de influência e diminuiria o hiato entre o domínio do inconsciente feito pela persuasão e a autonomia do sujeito.

Some-se à espiritualidade e ao senso crítico, a formação para um humanismo ético que é a terceira e mais potente colaboração de uma Educação Católica de qualidade na formação dos sujeitos contemporâneos. É preciso quebrar a bolha de mesmidade engendrada pelos algoritmos. Esta quebra só pode ser uma interpelação de alteridade – e portanto, ética – vinda dos outros rostos humanos. No entanto, somos quase que naturalmente propensos ao enclausuramento em nós mesmos. Torna-se, portanto, papel da escola propiciar uma formação para o “descobrimento” do Outro, de forma a acolher as diferenças e criar diálogo.

Muitos dos influenciadores criam em torno a si comunidades de seguidores que se dão suporte mutuamente e que iniciam um processo de alteridade valioso. Por outro lado, existem aqueles que promovem certo exclusivismo ideológico e que acabam isolando as crianças e os jovens em seus universos próprios. A formação para um humanismo do outro pressupõe um encontro com a diferença. Ao contrário do humanismo clássico, que coloca o homem no centro, ao modo de uma autoafirmação, o humanismo ético (único humanismo possível no século XXI) é uma descida do sujeito ao encontro daqueles que não lhe são iguais. Assim, rompe-se o encapsulamento dos egos num processo de desconstrução contínua da paisagem do mesmo. Atividades pastorais solidárias, por exemplo, são uma maneira de fazer sair de si.

Mas o humanismo solidário não liberta apenas da mesmidade, como constrói uma solidariedade autêntica que por sua própria existência, é crítica do capitalismo. Se é valor para o capital o direito pessoal, a propriedade privada ou mesmo, a defesa do indivíduo e sua liberdade, o humanismo ético corresponde à criação de comunidade, de uma liberdade coletiva e de uma realidade de partilha e divisão dos bens. Seria utópico pensar que seremos capazes de mudar todo um sistema, mas uma escola católica educa para que os seus estudantes sejam um ponto de inflexão na sociedade, atuando como fermento na massa (Lc 13,18-21).

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

Pode-se concluir, portanto, que existe uma construção da subjetividade dos estudantes – crianças, adolescentes e jovens – a partir da relação de influência digital e isto não pode ser desconsiderado. Se antes, os valores que modulavam nossa percepção do mundo e direcionavam nosso registro comportamental estavam em instituições mais geograficamente localizáveis como a família, a educação formal e a religião, agora percebemos uma pulverização destas instituições e seus valores – bem como a emergência de novas axiologias – a partir do digital. Não se pode menospre-

zar a potencialidade destas redes e seu poder de influência, mas resta saber se tais potências são, de fato, humanizadoras ou desumanizadoras. Prevemos que coexistam ambas possibilidades e que qualquer esforço de moralização será inútil, mas, também, presumimos que existe um campo de ação no qual a educação formal de inspiração católica pode atuar para garantir a liberdade e o bem – e este campo é a consciência do sujeito. Por isso, torna-se imperativo para uma educação católica no século XXI ler a realidade do mundo sabendo das lacunas que precisam ser atendidas. Uma lacuna é a espiritualidade e seu potencial realizador da existência humana. Outra é o espírito genuinamente crítico, que nos permite escolher com mais consciência aqueles conteúdos que realmente podem acrescentar. Por fim, a cultura humanista que não se apega ao aspecto racionalista do humanismo europeu, mas que desce às profundezas da cultura judaico-cristã – um humanismo do outro. Este humanismo é descentralizador do ego, pois nos irmana numa dimensão muito sensível e carnal. Esta trindade pedagógica – espiritualidade, pensamento crítico, humanismo ético – é a chave para entendermos nosso lugar social nesse ambiente de disputas e, ao mesmo tempo, é o bálsamo curativo das feridas abertas na sociedade antissocial.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMANN, Z.; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BENTES, A. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. In: POLIDO, F.; ANJOS, L.; BRANDÃO, L. **Políticas, internet e sociedade**. Belo Horizonte: Iris, 2019. p. 222-234.

BRUNO POTER, G.; SOUTO, C. Capitalismo de vigilância. **Seminário de Tecnologia gestão e educação**, v. 1, n. 2, p. 31-34, 2019.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Famecos**, v. 26, n. 3, p. e33095, 2019.

CITTON, Y. **The ecology of attention**. Malden: Polity Press, 2016

CRARY, J. 24/7 – **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Contraponto, 2014.

DAVENPORT, T; BECK, J. **The attention economy: understanding the new currency of bussiness**. Boston: Harvard Business School Press, 2001

DENNET, D. **A Liberdade Evolui**. Lisboa: Temas e Debates, 2005.

FOGG, B. J., A behavior model for persuasive design. **Proceedings of the 4th international Conference on Persuasive Technology**. ACM, 2009.

FOGG, B. J., Persuasive technology: using computers to change what we think and do, **Ubiquity**, v. 1, 2002.

FREUD, S. **Psicologia dos grupos e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOLDHABER, M. H. The attention economy and the Net. **First Monday**, v. 2, n. 4, 7 Apr. 1997.

GOUVEIA, V. V. **Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

HUSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral a fenomenologia pura**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

IVES, E. A. **iGeneration: The Social Cognitive Effects of Digital Technology on Teenagers**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Dominican University of California, San Rafael, Estados Unidos da América, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.33015/dominican.edu/2013.edu.09>> Acesso em: 01 ago. 2020.

KARWAHI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, São Paulo, v. 17, p. 46-61, 2017.

KARWAHI, I. Influenciadores digitais: o eu como mercadoria. In: SAAD, E; SILVEIRA, S. **Tendências em comunicação digital**. São Paulo: ECA/USP, 2016.

LIPOVETSLY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2009.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 1986.

PEDROSSIAN, D.R.S. O mecanismo da identificação: uma análise a partir da teoria freudiana e da teoria crítica da sociedade. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 417-442, jul./dez. 2008.

SECORD, P. F; BACKMAN, C. W. **Social Psychology**. New York: McGrawHill, 1964.

STEIN, Edith. **Il problema dell'Empatia**. Roma: Edizioni Studium, 2003.

TAVARES, B. Consciência e liberdade na era do big data: paradigmas do sujeito contemporâneo. **Guairacá**, Guarapuava, v. 35, n. 1, p. 133-152, 2019.

ARTIGO

AGENTE DE PASTORAL, EVANGELIZAÇÃO E TECNOLOGIAS

Valéria Andrade Leal

RESUMO

Novas tecnologias têm sido tratadas como sinônimos de criatividade e de inovação. No campo da comunicação, redes sociais, aplicativos e veículos de informação como sites, revistas e jornais favorecem o trânsito de conhecimento e interação entre pessoas. A pandemia, inclusive, parece ter acelerado o processo de assimilação da cultura digital em diversas instâncias, inclusive na escola. A evangelização e a pastoral requerem a dinâmica do aprender a aprender, ou seja, da sinodalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias. Evangelização. Pastoral.

VALÉRIA ANDRADE LEAL

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Filosofia da Educação pela UFPR. Graduada em Pedagogia. Atualmente, é assessora da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Foi Gestora de Pastoral Escolar no SAGRADO - Rede de Educação, nos estados da região sul do Brasil.

CONTATO: vandradeleal@yahoo.com.br

Muitas experiências têm sido vividas a longa distância, servindo-se de recursos virtuais. Alguns novos, outros nem tanto, mas usados de forma diferente do habitual. Muitos aplicativos largamente usados no meio empresarial passaram a ser usados no cotidiano das pessoas para o trabalho ou para o cultivo das relações humanas. Entretanto, tudo isso gerou desafios para muitos, considerando que o domínio das novas tecnologias varia de acordo com a condição social que possibilita ou não recursos de qualidade, por exemplo. Além disso, o meio digital requer a compreensão de uma nova forma de pensar, de se relacionar, de comunicar, não bastando estar na rede, mas sabendo articular conteúdos e assumindo uma presença significativa. Sendo assim, cabem algumas reflexões acerca do uso das mídias digitais por parte dos agentes de pastoral, visto que a comunicação é um processo de trocas de informações que exige, conforme o meio e as metas, técnicas mais ou menos específicas; a comunicação serve-se de recursos que precisam ser dominados e linguagens que devem ser compreensíveis para interlocutores diferentes, em realidades também distintas.

1. MÍDIAS SOCIAIS NA AÇÃO EVANGELIZADORA

Já há algum tempo, termos como ensino híbrido, *maker*, sala de aula interativa fazem parte do cotidiano de muitas escolas católicas. A realidade das novas gerações, imersas no mundo digital, já exigia novas formas de interação

e construção de conhecimento. Neste contexto está a proposta evangelizadora da escola católica, que também se vê desafiada a lidar com as novas linguagens, pois o uso das novas tecnologias “trata-se de um facto muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência” (RM 37c). Spadaro (2012, p. 05), afirma que

“ as recentes tecnologias digitais não são mais somente tools, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade. ”

O período da pandemia mostra sinais de aceleração do processo de assimilação das mídias digitais na educação; como parte do processo educativo na escola católica, a evangelização precisa também apropriar-se de novos métodos e linguagens, para que seja humanizadora e favoreça o encontro com Jesus. Diante disso, os agentes de pastoral, sobretudo nos tempos atuais, veem-se instigados a buscarem novas formas de comunicar e de criar laços que favoreçam a ação evangelizadora.

Para compreender melhor a relação do agente de pastoral com as mídias

digitais, foi proposto um questionário que obteve respostas de 54 agentes de pastoral escolar, vinculados à ANEC, em diversas localidades do Brasil, durante o mês de agosto 2020. Destes, 52%, fazem uso constante de alguns aplicativos e 44% afirmam dominar a tecnologia e fazer uso no dia a dia. Apenas 4% afirmaram não dominar e usar apenas o necessário. Esta é uma boa notícia, pois conhecer os recursos é um passo considerável para quem quer servir-se deles na ação pastoral. A questão é como colocar estes recursos a serviço da evangelização.

Dentre os agentes de pastoral consultados, 65% já usavam recursos tecnológicos na sua ação desde antes da pandemia, enquanto os outros 35% aventuraram-se nesta área a partir da pandemia. Nenhum disse não fazer uso. O mesmo grupo foi questionado quanto à avaliação do uso de mídias digitais antes da pandemia, somando uma média de 3,43; durante a pandemia, a avaliação subiu para 4,39.

Sobre o tipo de atividades realizadas por meio das plataformas, a experiência de um dos entrevistados dá uma ideia do todo:

“ *Encontros semanais de catequese, onde por meio do meet estamos tendo a oportunidade de entrar nas casas de nossos catequizandos e crismandos. Muitas famílias aproveitando para rezar,*

desabafar, agradecer.

Por meio também de aplicativos como zoom estamos realizando encontros com voluntários e fazendo ações significativas. A última foi levar mensagens por meio de vídeos aos pacientes de um hospital. Na verdade, temos muitas ações acontecendo de forma online, de maneira que antes nem se pensava em realizar. //

Houve transmissões de momentos orantes, bate papos, encontros de grupos de jovens e catequéticos; foi citado por um agente de pastoral o uso de *padled* (aplicativo que permite interação em tempo real) e *blogs*. Houve também orientação espiritual, além das atividades citadas no relato acima transcrito. Não foi citado o uso das redes sociais mais frequentadas pelos estudantes, o que chama a atenção, visto que a evangelização acontece onde as pessoas estão, seja na condição existencial, seja no local, real ou virtual, em que se encontram.

Os dados apresentados indicam que o uso das mídias digitais na pastoral tem sido incrementado, e talvez qualificado, neste tempo. Mas ainda há dificuldades. Os agentes de pastoral indicam, sobretudo, a sensação de não proximidade na relação, ou a falta de tempo para uma interação mais direta com os estudantes e suas famílias. Também aparece a dificuldade de recursos de qualidade, o que requer investimentos, e o pouco domínio das plataformas em

que os estudantes se encontram, além do excesso de aulas e momentos online, assim como de informações. Há também a dificuldade de acessibilidade para todos. Aparece, ainda, o desafio de uma linguagem adequada, que gere engajamento e interação.

Os agentes de pastoral também foram perguntados sobre as expectativas do uso das mídias digitais na ação pastoral. As respostas destacam a maior proximidade com os jovens e suas famílias, com participação mais ativa. Alguns indicaram o desejo de aprender mais e dominar melhor as ferramentas. Em geral, pode-se afirmar que 10% indicaram perspectivas futuras de integração entre o trabalho presencial e virtual no período pós pandemia. A maioria indica os benefícios de estar agora interagindo com as famílias e 5% apontam que sentem falta dos momentos de ação presencial, de atividades solidárias concretas; uma pessoa até cita o receio de uma certa banalização da fé, visto que o tempo diante das telas tem gerado certo cansaço.

2. ALGUMAS PONDERAÇÕES

As novas tecnologias da comunicação exigem, além de conhecimentos técnicos, a percepção de novas sensibilidades relacionais e novas linguagens, de outra relação das pessoas entre si, com o tempo, com o mercado. Exige, enfim, reflexões sérias acerca do contexto contemporâneo em que os estudantes estão inseridos. Numa intervenção

pastoral, em 2019, com crianças de 6 anos, já havia tido um desafio para os agentes de pastoral, por sugestão dos participantes: transformar a atividade proposta em vídeo do *youtube*. Tal fato indica a urgência de melhor qualificação por parte dos agentes de pastoral para dominar ferramentas e também para entender as novas formas de comunicação e estar num mundo em que “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas” (BENTO XVI, 2013).

Corre-se o risco de que os agentes de pastoral usem as redes no momento atual para atender a uma necessidade temporária. Mesmo vencendo o desafio da criatividade, do domínio de recursos e experimentando positivamente, em muitos casos, a interação com pessoas que não seriam acessadas na forma presencial, poucos indicam projetos futuros e expectativas para o uso das tecnologias no período pós-pandemia. Alguns declaram a necessidade de aprender mais sobre os recursos e lamentam as falhas devidas à baixa qualidade dos serviços de internet. Isso demonstra a necessidade das instituições repensarem as condições e a formação dos agentes de pastoral, além dos recursos disponíveis. A comunicação no mundo atual, além de um ato humano, é uma ciência que requer conhecimentos específicos. Neste ambiente, a pessoa de Jesus Cristo precisa ser apresentada de forma compreensível e significativa, para que gere “engajamento”, decisão, adesão. Meta

que será mais facilmente alcançada mediante uma atuação qualificada.

A não referência às redes mais usadas pelos estudantes, como *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *Tictoc*, entre outras, levanta questões acerca da linguagem nas redes, das formas de ser presença e comunicar a alegria do Evangelho, pois “no mundo da internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz” (BENTO XVI, 2010, n. 113). Tais redes, que compõem o mundo frequentado pelos estudantes, são o lugar em que se buscam informações, entretenimento, relacionamentos e até respostas para questões existenciais, morais. Cabe aos educadores cristãos e às instituições refletirem sobre sua presença nestes “novos areópagos” e contemplarem nos planos pedagógicos evangelizadores formas significativas de, mais do que informar, formar pelas mídias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo contemporâneo desafia constantemente a ação evangelizadora da Igreja e da educação católica. Cabe-nos lembrar, no entanto, que a evangelização consiste no anúncio de uma experiência, palavra cara às novas gerações que tudo querem experimentar, vivenciar, sentir, fruir. Em contrapartida, as redes sociais apresentam-se como um desafio ao movimento de saída. Perceber esta realidade, os anseios dos estudantes, onde e como buscam as novas experiências é o desafio do agente de pastoral, para que sua ação evangelizadora possa atingir de forma significativa seus interlocutores. Para tanto, faz-se necessário repensar possibilidades, que exigem investimentos, formação e o já tão falado “aprender a aprender” ou, em termos eclesiais, a sinodalidade, para, no caminhar com as novas gerações, vivenciar e assimilar as novas formas de comunicar a experiência de fé vivida e abraçada como projeto de vida.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º dia mundial das comunicações sociais**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html>. Acesso em: 05 set. 2020.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). Carta Encíclica **Redemptoris Missio**. Sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html#\\$2W](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html#$2W)>. Acesso em: 11 set. 2020.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Verbum Domini**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos Pontifícios; 194).

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

ARTIGO

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL EM REDE: DESPERTANDO E DISCERNINDO VOCAÇÕES

Reinaldo Leitão

RESUMO

O objetivo principal desta centelha de pensamento reflexivo é chamar a atenção do Serviço de Animação Vocacional (SAV) para a necessidade de reinventar os seus métodos e processos de acompanhamento vocacional, realizados através dos meios virtuais. Desde que as novas tecnologias (dispositivos e plataformas digitais) começaram a se acoplar no cotidiano dos indivíduos, abarcando de maneira voraz todas as realidades que o compõem "bio-psico-sócio-ambientalmente", a forma de conduzir o discernimento vocacional vai se alterando na proximidade e convívio com os aparatos de simulação virtual da vida (smartphone, tablet, notebook etc.), pois quanto mais interação e conexão virtual, mais adaptável deve estar o serviço de animação vocacional frente a esse movimento informacional das redes interconectadas.

PALAVRAS-CHAVE: Animação Vocacional. Rede. Tecnologias.

REINALDO LEITÃO

Pe. Reinaldo de Sousa Leitão, rcj. Diretor da Revista Rogate. Mestre em Tecnologia da Inteligência Digital e Design Digital (TIDD) - PUC SP.

CONTATO: reinaldo@rcj.org

Não podemos negar que estamos vivendo uma espantosa revolução digital, ou melhor dizendo, estamos inseridos no contexto da cultura digital, no qual “a informação mediada por dispositivos móveis [...] está presente na vida de grande parte da população global” (FERRARI, 2018, p. 52). Santaella, notável pesquisadora das mídias digitais, afirma que “o aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar da informação [...] com a mesma linguagem universal” (2010, p. 70).

Diante desta cultura dos dígitos, os meios e instrumentais disponíveis para o despertar vocacional estão cada vez mais voltados para o que podemos denominar aqui de “promoção vocacional digital”, uma responsável e criativa utilização dos dispositivos e aplicações digitais para acompanhar as vocações em espaços móveis de presença on-line, como, por exemplo, WhatsApp, ou através de redes sociais, como Facebook, Instagram e páginas criadas para a interação vocacional, seja do animador vocacional para com o vocacionado, ou vice-versa.

1. REDE VOCACIONAL DE PRESENÇA VIRTUAL

Atualmente, o que mais percebemos ao nosso redor são indivíduos imersivos, pessoas que estão em contato constante com as telas reluzentes e inebriantes dos dispositivos on-line, principalmente daqueles aparatos tecnológicos que pertencem ao que chamamos de obje-

tos tecnológicos acoplados e inseparáveis do corpo biológico ou das necessidades extensivas do ser humano, os aparelhos móveis. Se queremos animar as vocações, hoje, mais do que nunca, carecemos sintonizar o chamado vocacional pessoal com a presença da animação vocacional em meios virtuais.

Quando falamos de presença vocacional on-line, queremos dizer que o promotor vocacional deve possibilitar, nas redes digitais, o processo de discernimento nas relações conectivas realizadas virtualmente. O documento final do 4º Congresso Vocacional do Brasil aponta para essa realidade do serviço de animação vocacional em rede, quando descreve que “do ambiente digital são reconhecidas as oportunidades” (n. 50, p. 32) para os promotores vocacionais ou responsáveis pelo acompanhamento vocacional estabelecerem um profícuo diálogo, um encontro e uma troca de experiências que ultrapassam as limitações do encontro presencial, face a face.

Falar de vocação em meio a este “novo mundo virtualizado” é um grande desafio, pois requer de nós, animadores vocacionais, uma representação fiel do chamado pessoal, a partir da vivência de fé, oração e projeto vocacional de vida. Interessante frisar que não podemos esquecer ou deixar de lado o lado sombrio da rede, que “também é território de solidão ou espaço da fuga do outro em carne e osso [...] manipulação das consciências e divulgação de notícias falsas” (DFCVB, IV, n. 50, p.

32). Porém, esse meio digital que pretendemos vocacionalizar com a nossa presença on-line deve ser gerenciado de maneira muito aberta, coerente e desprovida de preconceitos negativistas, que eliminam a chance de expandir o discernimento vocacional que se objetiva nas postagens (imagens, textos, áudios, vídeos) realizadas na rede pessoal e institucional.

Mesmo que o discernimento vocacional em rede seja “um exercício absolutamente pessoal e intransferível” (DFC-VB, IV, n.49, p. 31), nossas relações devem ser direcionadas para o contexto da maturação vocacional, seja dos que estão estimulando a vocacionalização nestes meios digitais, como também dos “agenciados” vocacionalmente pelas informações. Assim, uma rede de conexões vocacionais é estabelecida a partir da interação de presença virtual dos envolvidos neste entrelaçamento digital.

Atualizando a metáfora da “liquefação” de Bauman, filósofo da modernidade, a cultura digital ultrapassa a concepção de uma sociedade líquida (2001, p.9), pois como já retrato em minha pesquisa de mestrado, “Usuário digital: identidade e interfaces líquidas”, estamos vivendo uma efervescência dos líquidos que conseqüentemente transforma nosso estado metafórico de sociedade líquida para uma “sociedade gaseificada” (2018, p. 80), ou seja, os fluxos de relações digitais evaporam-se nas conexões elétricas e são armazenados nas iClouds e drives on-line, que podem ser

acessados e gerenciados remotamente. Deleuza e Guatarri (2004, p. 33) afirmam que esta sociedade provoca uma desterritorialização dos espaços “fixos”, possibilitando um nomadismo digital de fluxos de informações que se deslocam rapidamente de um ambiente para outro, em rede.

Essas são mudanças que empurram os promotores das vocações para uma práxis vocacional em rede mais próxima e humanizadora. Somos mediadores vocacionais e temos que ajudar na construção de uma cultura vocacional testemunhada na cultura digital. Em outras palavras, devemos vocacionalizar o ambiente virtual a partir da nossa vocação, vida potencializada nas relações em rede. Não basta estarmos mergulhados nesta sociedade gaseificada de constante mobilização on-line, precisamos nos apropriar desta cultura da virtualidade com sabedoria e discernimento de fé.

2. REDE ITINERANTE DE MOBILIDADE VOCACIONAL

No cenário de constantes atualizações das redes de presença on-line, os animadores vocacionais são chamados a navegar e jogar as suas redes estabelecendo conexões mais profundas e humanizadoras, assim como Jesus, um extraordinário animador vocacional, indicou aos seus discípulos que avançassem para águas mais profundas no lago de Genesaré (cf. Lc 5, 1-11). Mais uma vez, para explicitarmos o contex-

to digital necessitamos das metáforas, assim como o Mestre Jesus Cristo utilizou as parábolas para ilustrar sua pedagogia do chamado vocacional, pois é necessário que nos aproximemos desta realidade em que milhões de usuários estão sendo agenciados por diferentes estímulos nas interações em rede. Como estamos inspirando através das nossas interfaces digitais (páginas pessoais e institucionais – sites, aplicações e redes sociais) o despertar vocacional dos que estão nos seguindo?

A hora de despertar as vocações é agora! Não dá mais para esperarmos as missões ou encontros vocacionais presenciais para realizar o discernimento que desperta as vocações, pois a onda virtual nos possibilita mais do que nunca ferramentas que oportunizam a multilocalidades, ou seja, podemos deslocar nossa presença on-line para diversos espaços mediados por múltiplas telas que provocam envio e recebimento de informações num piscar de olhos (informações digitais compartilhadas em tempo real – imagem, som, vídeo e palavras).

Já não podemos, enquanto promotores das vocações, ficar de braços cruzados nas “janelas narcisistas” do nosso casulo virtual, mas temos a responsabilidade de comunicar a nossa própria vocação, um dom precioso doado a nós por Deus para ser compartilhado na gratuidade e testemunhado no amor, entre os irmãos.

Não podemos esquecer que o Serviço de Animação Vocacional e/ou a Pasto-

ral Vocacional deve ter sempre presente em suas ações em rede que esse “mundo digital” vai sempre propor um experiência do real. Experiência essa que não se limita às imagens figurativas/realistas, mas que “gera sempre mundos construídos para serem experimentados, controlados, habitados, tocados através de ações” (DOMINGUES, 2003, p. 61). E o que estamos construindo em nossas redes de relações vocacionais on-line? Estamos tecendo relações de maturação vocacional ou apenas costurando retalhos metodológicos antigos nas novas ações pastorais em rede? Segundo as conclusões do 3º Congresso Vocacional do Brasil, “os discípulos missionários são chamados a uma atitude de serenidade e discernimento, abertos aos sinais dos tempos” (DFCVB, III, n.10 p. 16 - 17). Isso não quer dizer que devemos entrar na enxurrada das conexões sem critérios pedagógicos do estar em rede.

A nossa própria fé exige, de cada animador vocacional, uma postura cognitiva e comportamental alinhada aos ensinamentos evangélicos, que dão suporte valorativo e verossímil ao itinerário vocacional realizado no mundo digital. O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil é muito claro quando nos apresenta que devemos ter “uma presença qualificada” (n. 153, p. 119) nestes espaços que são adequados e válidos para ação vocacional em rede. Ainda segundo o diretório, “a Igreja se beneficia dos meios eletrônicos como [...] a internet, para transmitir os conteúdos de fé” (n. 98, p. 76). Isso tudo comprova que quan-

to mais sintonizados à ação evangelizadora da Igreja, mais sinodalidade estabelecemos dentro da dinâmica virtual itinerante do despertar das vocações.

Hoje, mais do que nunca, necessitamos de um trabalho vocacional inserido nas rápidas movimentações das conexões on-line. Precisamos cada vez mais pulsar em nosso coração de fé o convite vocacional, expandindo-o nos ambientes virtuais, ligando ações que despertem o coração de muitos que estão adormecidos pelo sono inebriante de uma vida agitada muitas vezes apenas pelas preocupações particulares, que não deixam brechas para a sensibilização das necessidades comunitárias e humanas. Estamos acordados vocacionalmente para chamar, ou melhor, para a pesca vocacional nos ambientes digitais? Um forte convite continua a nos provocar: Vem e segue-me! (cf. Mt 19, 21). Discernir esse chamado é e sempre será a nossa medida para uma resposta consciente e livre, e assim, nos colocarmos a caminho, melando os nossos pés e sensibilizando vocacionalmente a quem encontramos durante o nosso percurso existencial.

3. REDE DE DISCERNIMENTO E SENSIBILIDADE VOCACIONAL

No vórtice das mudanças provocadas pela cultura digital, observamos o processo de semiose do discernimento vocacional que acontece entre o real (seres animados biológicos) e o digital (tecnologias interativas de conexões on-line). O que nos leva a crer que isto demanda, no

processo e planejamento do itinerário das vocações, um cuidado metodológico e pedagógico no Acompanhamento Vocacional Virtual (AVV), pois de acordo com as conclusões do 2º Congresso Vocacional do Brasil, “precisamos ir às novas praças” (DFCVB, II, n. 10, p. 7). Aqui entendemos esse novo ponto de encontro de discernimento da vida, ou melhor, este “nó”, lugar policêntrico de constantes interações sociais onde se propõe, através dos dígitos, uma experiência de vida. O documento do 2º Congresso ainda afirma que “a animação vocacional deve estar no centro de todo tipo de planejamento e de projeção pastoral” (DFCVB, II, n.38, p. 22).

Seria lamentável perceber que os animadores vocacionais não estão aproveitando-se destes espaços para promover sensibilização vocacional. Sabemos dos desafios das novas linguagens e dos símbolos que emergem diariamente na utilização destes meios digitais, tais como hashtag (#) para taggear conteúdo (agrupar postagens em rede), ou arroba (@) para referenciar perfil, páginas ou expressões no borbulhar das informações na internet. Porém, essas linguagens de codificação podem atualizar nossa maneira de comunicar o chamado vocacional, no seguimento do projeto de vida testemunhado por Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Como nos recorda o Papa Francisco na sua 57ª Mensagem para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, nós não estamos sozinhos: Jesus caminha conosco nesta árdua e gratificante missão vocacional.

Um dos grandes desafios para o Serviço de Animação Vocacional em rede, levantado pelo 4º Congresso Vocacional do Brasil, está voltado para a utilização dos aparatos tecnológicos; isso exige dos promotores vocacionais, em sua dinâmica, criatividade que cativa e habilidade técnica na interação virtual. Nessa ideia da sensibilização vocacional em rede, considerando a presença on-line do animador vocacional, é muito importante nos atentarmos aos três passos do discernimento vocacional: “reconhecer que somos chamados [...] interpretar o convite [...] decidir seguir com liberdade” (cf. DFCVB, IV, n. 48, p.30). Isso nos ajudará, como processo pedagógico, a pensarmos o nosso agir vocacional nos ambientes digitais.

Quando pensamos em fomentar nas redes o discernimento vocacional, é importante termos em conta que no contexto da vocacionalização precisamos superar a “síndrome da caixinha religiosa”, ou seja, a convicção que ninguém, além de nós, pode mexer nesse processo. É necessário expandirmos o conceito de vocação e possibilitarmos uma práxis do chamado que leve em consideração a sinodalidade vocacional dos dons e ministérios, pois, infelizmente, no Brasil, “a animação vocacional ainda é muito voltada às vocações específicas (vida religiosa e presbiteral), quando deveria incluir todas as vocações” (DFCVB, IV, n. 15, p. 16).

Mais uma vez, voltamos ao ponto que nos chama ao compromisso vocacional coletivo, em que todos somos amados e

chamados por Deus a uma vocação; a desenvolver, no hoje da nossa história, um dom vocacional que nos impulsiona para a “comum-união” com Ele. Escutar, Discernir, Responder e Viver a vocação em todos os espaços. E como estamos respondendo e testemunhando vocacionalmente, em rede, a esta voz de Deus que nos chama? Somos portadores do chamado que ecoa diariamente em nosso humano coração e que deve, sem sombra de dúvidas, ser expandido nas redes sociais.

4. PORTADORES DE UM DOM VOCACIONAL

Diante do cenário da frenética conexão dos aparatos tecnológicos, não podemos perder de vista o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6), pois a sensibilidade vocacional que pretendemos suscitar nas relações virtuais deve dispor de princípios evangélicos que humanizam as interações eletrônicas, provocando no cotidiano dos internautas um despertar vocacional para o cuidado da primeira vocação, a vida.

Educar para comunicar o chamado de Deus faz parte deste processo de vocacionalização das redes. Daí deriva o nosso compromisso de comunicadores vocacionais do chamado: seguir as linhas orientadoras da Igreja e comunicar o dom vocacional que parte do Evangelho.

Carregar esta dádiva de Deus nos fluídos das interações requer do animador vocacional uma práxis de sensibilização

que cultiva, na ação comunicacional, a beleza e os desafios do projeto de vida testemunhado por Jesus Cristo. Compartilhar este dom vocacional nas redes de presença on-line é a nossa missão de discípulos missionários de Cristo, pois reconhecer “a própria vocação, a própria liberdade e a própria originalidade são dons de Deus para a plenitude e o serviço ao mundo” (DAp, n. 111, p. 64). Então, o que estamos esperando? Os samaritanos virtuais saíram para cuidar da vida, os pescadores virtuais saíram para estabelecer redes humanizadas e os semeadores virtuais saíram para lançar as sementes no favorável terreno digital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DOMINGUES, Diana. Poéticas imersivas e realismo virtual. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **Cibercultura 2.0**. São Paulo: U. N. Nojosa, 2003.

DOCUMENTO FINAL DO 2º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL. **Vocações e Ministérios para o Novo Milênio**. Brasília: CNBB, 1999.

DOCUMENTO FINAL DE APARECIDA. **V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

DOCUMENTO FINAL DO 3º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL. **Vocação e Discernimento**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

DOCUMENTO FINAL DO 4º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL. **Vocação e Discernimento**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FERRARI, Polyanna. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

GILLES, Deleuze; FELIX, Guattari. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL. Nº 99. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

LEITÃO, Reinaldo de Sousa. **Usuário digital: Identidade e interfaces líquidas**. (Dissertação em Aprendizagem e Semiótica Cognitiva) - PUC-SP. São Paulo, 2018.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 57º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES. **“As palavras da vocação”**. Roma, 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20200308_57-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. Brasília: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

ARTIGO

A MÚSICA E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA: AS RELAÇÕES HUMANAS NO MUNDO EM REDE

Gabriel Romeo Brandt e Edilaine Vieira Lopes

RESUMO

O artigo aborda a importância da Comunicação e da Evangelização por meio da música, uma vez que há estudos apontando para a sua relação direta com a melhoria da qualidade de vida. Sabe-se que a Ação Pastoral da Educação Católica envolve reflexões por meio de metodologias que visem facilitar a convivência em comunhão, na nossa Casa Comum, além de implicar na vivência da Boa Nova do Reino. Ressalta-se, aqui, a necessidade de um currículo evangelizador e de um planejamento que objetive ativar os modos como nos comunicamos, aplicando técnicas que vão além do ambiente escolar e passam a atingir a instituição como um todo, por fazer parte de um programa maior, cujo treinamento envolve retiros e preparações das lideranças pastorais. Em relação à profundidade, o estudo faz parte de uma breve revisão bibliográfica e objetiva compreender como se dá a aplicação da música na pastoral, para contribuir com a obtenção de Qualidade de Vida e melhoria na comunicação para estreitar as relações humanas, sobretudo, neste mundo em rede virtual, conectado, pós-pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Pastoral. Qualidade de vida. Música.

GABRIEL ROMEO BRANDT

Palestrante, autor e compositor, é CEO do Instituto Verso in Verso Treinamento e Desenvolvimento Humano. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale. Envolvido (<http://lattes.cnpq.br/8488898766695932/>)

CONTATO: gabrielbrandtmaster@gmail.com

EDILAINE VIEIRA LOPES

Professora e Pesquisadora. Licenciada em Letras, Especialista em Educação à Distância, Mestre em Educação, Doutora em Letras e Pós-Doutora em Indústria Criativa (<http://lattes.cnpq.br/7385721779493141/>).

CONTATO: edilaine.nh@gmail.com

1. A MÚSICA E AS CONEXÕES HUMANIZADAS EM REDE

A abordagem da qualidade de vida tem sido operacionalizada por meio de programas que, invariavelmente, incluem oferta de lazer, alongamento corporal, cultura e arte, nos intervalos entre as atividades. Nas escolas, universidades e empresas, é possível destacar o estímulo ao contato com a música, por meio da Musicoterapia ou criação de coros na empresa e de aulas para iniciação a algum instrumento musical (ALVES, 2011; FERREIRA; ALVES; TOSTES, 2009; LIMONGI-FRANÇA, 2007). Por que isso ocorre? E qual seria a sua relação com a Pastoral?

Conforme as linhas de ação apresentadas no site da Revista Pastoral da ANEC, a figura do pastor é empregada por apresentar uma atenção plena de compaixão para cada pessoa, pelas entranhas de sua bondade paternal, ele carrega sobre si as enfermidades dos outros, pela altura de sua contemplação ele se eleva acima de si mesmo aspirando aos bens invisíveis.

Nas instituições de ensino católicas que gerenciam programas pastorais, esse cuidado não é diferente. Há educandários que se beneficiam direta e indiretamente do bem-estar gerado devido à execução das ações pastorais, que incluem atividades de lazer, utilizando música, retiro, reflexão, leitura, debate e campanhas, que acabam atingindo não só os alunos, mas as famílias, a equipe diretiva, os docentes e a comunidade escolar.

Mas em tempos de pandemia e pós-pandemia, como lidar com tais conexões? Como potencializar a comunicação em meio a um mundo hiperconectado, em rede de relacionamentos virtuais? Como ativar a qualidade de vida e incitar reflexões, sobretudo com relação à evangelização? De acordo com Handy (1978), a resposta pode estar na melhoria da qualidade de vida, associada à satisfação do indivíduo quanto à relação consigo mesmo, com a família, com a vida social, com a religião e com o trabalho.

As Ciências Sociais e do trabalho não excluem as demais, e evoluem juntas. Emerson Sena da Silveira e Dayana Dar'c e Silva da Silveira abordam a aurora da Ciência da Religião que, por exemplo:

// surge do pensar a religião a partir de conceitos racionais-reflexivos-críticos, afastando-se do interesse doutrinário e da apologia religiosa, comuns na Teologia, da qual se diferencia. Portanto, de como a religião passou a ser vista como produto social, humano e político e, conseqüentemente, um fenômeno a ser investigado, assim como os fenômenos naturais e humano-sociais (SILVEIRA; JUNQUEIRA, 2020, p. 9). //

Nesse aspecto, destaca-se o papel relevante do espaço de interação na vida das pessoas, podendo ser encarado como elemento indissociável da vida humana, uma vez que se vive em grupos

ou organizações produtivas durante grande parte da existência. Apesar de não nos darmos conta, quando se planeja algo em vias de aplicação de atividades pastorais, detalhes são pensados como o ambiente, a organização e os horários, para atingir os objetivos e efetivar a comunicação, de modo que a ação pastoral seja alcançada para além da evangelização, como instrumento eficaz de melhoria na comunicação para estreitar as relações humanas, sobretudo neste mundo em rede pós-pandemia.

Handy (1978) destaca que a qualidade de vida influencia ou é influenciada por vários aspectos da vida. O que implica, em outras palavras, a satisfação associada à vida como um todo, possuindo interfaces com a família, com o lazer, com a sociedade, com a religião e com o próprio equilíbrio físico e mental. Logo, as instituições que têm acesso à música ou às atividades ligadas à pastoral parecem estar sempre à frente do seu tempo, por promoverem conexões com o Sagrado e com a música.

Os momentos de oração devem sempre considerar as músicas, que geralmente são produzidas, reproduzidas ou gravadas, sendo aos poucos inseridas na rotina das equipes e lideranças pastorais. Durante as atividades programadas, alguns questionamentos são necessários: como a música vem sendo inserida no ambiente pastoral? Quais as funções exercidas pela inserção musical na ação comunicativa? A música estaria proporcionando bem-estar aos envolvidos a

ponto de contribuir para a obtenção de sua qualidade de vida? Seria a música o elo para ressignificar e humanizar as relações em tempos de hiperconectividade? Como a música age e interage com os seres humanos em rede de conexões e amizades virtuais?

2. A MÚSICA E A QUALIDADE DE VIDA

Cabe destacar aqui que a música pode ser traduzida como um incremento na produtividade e na qualidade das produções discursivas e nas reflexões surgidas, devido ao fomento pastoral, sendo uma possibilitadora dos processos para evangelizar, como algo que implica e exige a promoção integral do ser humano.

O ato evangelizador testemunha o amor encarnado de Deus, revelado à humanidade na plenitude dos tempos. Antes da pandemia, era possível planejar uma ação pastoral em forma de visita a um lar, escola ou hospital, por exemplo. Se não considerasse, com calma e atenção, a inclusão da música na atividade, letra, melodia, composição, a qualidade e o impacto do momento vivenciado poderiam ter queda significativa.

Agora, em tempos pós-pandemia, as equipes de pastoral têm preparado os momentos de reflexão pastoral em rede, conectados, mas humanizados, tendo em mente que o bem-estar considera as dimensões biológica, psicológica, social e organizacional de cada indivíduo, e não somente o atendimento às doenças e aos sintomas de estresse

advindos e potencializados no dia a dia. Dessa forma, a música tem ligação com o bem-estar e envolve a condição de manter-se íntegro, como profissional, cidadão e pessoa humana (LIMONGI-FRANÇA, 2004).

Ao introduzir a música no debate acerca da comunicação, da evangelização e das relações humanas, é preciso levar em conta que ocorrem, ao mesmo tempo, discussões paralelas quanto ao Ensino Religioso na BNCC, por exemplo, conforme os autores Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Sonia de Itoz no seu ensaio, chamando a atenção para:

// *a relevância do pluralismo teórico e metodológico corrente junto ao estudo das religiões, ou seja, para o modo como os métodos fenomenológicos têm contribuído para definir os traços essenciais do fenômeno religioso e suas linguagens, ao interpretar o universo religioso como dimensão autônoma. (SILVEIRA; JUNQUEIRA, 2020, p. 10)* //

Sabendo disso, a pastoral sempre conduziu ações (e continuará conduzindo) com as sensibilizações feitas, por exemplo, retiros espirituais e momentos de reflexão. Isso inclui a música, por considerar os atos comunicativos com potencial para gerar bem-estar e ativar a produtividade comunicativa nos ambientes selecionados. Da mesma forma, a equipe diretiva precisa levar em conta

que os líderes da pastoral também precisam estar em comunhão com o bem-estar, característica fundamental para qualquer ser humano ou cuidador. Eis o potencial libertador da música.

É possível dizer que a aplicação da música nos ambientes em que a pastoral deseja atuar, mediante a comunicação eficaz, entra como uma metodologia que propõe aprendizagens ou reflexões aceleradas e instaura novos modelos de aprendizado que se tornam alternativas aos modelos comuns de evangelização. A música permite conciliar aprendizado com técnicas de relaxamento por presupor corpo, mente, alma e espírito, otimizando e acelerando técnicas.

A música ajuda a relaxar. O louvor nos aproxima do Criador. Com a mente em estado de relaxamento, é mais propício que o indivíduo absorva informações e crie, produza conhecimento. A concentração potencializa o aprendizado, diferente do estado passivo e do medo, da euforia ou dos estados psicológicos negativos. Logo, a Pastoral pode e deve continuar se beneficiando das técnicas que remetem a isso, bem como de exercícios respiratórios para a desaceleração do ritmo cardíaco, chegando-se a um estágio de relaxamento ideal.

Não é de hoje que os varejistas exploram o processo simbólico da música, cativando consumidores e trabalhadores com o uso de músicas. Então por que não continuar utilizando a música como aliada dos processos comunica-

tivos e de evangelização para conectar e humanizar as relações na rede virtual de computadores?

3. A MÚSICA E AS CAPACIDADES COMUNICATIVAS

Se é possível medir as reações subjetivas fisiológicas e psicológicas à música, concluindo que preferência, familiaridade ou experiências passadas podem ter efeito primordial sobre a mudança positiva de comportamento, em detrimento do tipo, também dá para perceber que o contexto social da escuta pode exercer influência sobre a forma como os significados são atribuídos à música ou como ela é percebida.

Isso remete ao cuidado. Cuidar é uma atitude necessária para restabelecer a integralidade de alguém e remete às diversas situações do cotidiano. A centralidade deve estar sempre na pessoa de Jesus e no Seu Projeto, na perspectiva missionária, com sensibilidade social. A relação de comunhão com a Casa Comum está além do Carisma Congregacional e do Humanismo Solidário. Os fundamentos da ação pastoral vão rumo à estrutura litúrgica, com relação à fé, vida e celebração.

Uma das ações da pastoral é ouvir e fazer-se ouvir. Dentre as vantagens de ouvir, entoar canções e proporcionar momentos musicais relacionados à pastoral para ampliar o alcance comunicativo e a evangelização nos ambientes de trabalho, de cura ou de estudo,

alguns dos resultados são a melhora do humor com um ambiente mais calmo, diminuindo o nível de estresse e fazendo com que se consiga aproveitar melhor, enquanto o organismo libera a dopamina no cérebro, uma substância química que, entre tantas outras ações, provoca a sensação de prazer.

As canções aumentam a sensação de satisfação e instigam a solução de problemas, pois, com o estado de espírito mais positivo e leve, a capacidade de pensar em soluções mais criativas aumenta. Ao contrário do que acontece quando estamos nervosos ou ansiosos, pois, o foco diminui e tendemos a encontrar opções óbvias para resolver questões importantes.

As ondas cerebrais sincronizam a frequência com o ritmo da música que escutamos, ou seja, se estivermos ouvindo uma música com batida mais rápida, ficaremos mais agitados, com um som mais tranquilo e leve, a tendência é ficarmos em estado relaxado, o corpo acompanha o que ouvimos. As canções ativam regiões emocionais da mente, responsáveis pela concentração e pelo foco.

Cabe ressaltar, entretanto, que a música pode ser prejudicial ao ser humano, caso ocorram variações excessivas em seus elementos, sobretudo no que concerne ao nível de volume e ao tempo de exposição à música. Os estudos de Bray; Szymanski; Mills (2004) e Fleischer; Muller (2005), realizados com indivíduos expostos à música eletronicamente amplifica-

da, revelaram queixas relacionadas com a audição, e perda auditiva associada a longos períodos de exposição à música amplificada. Entretanto, a exposição à música durante curto espaço de tempo pode causar perda auditiva e zumbido no ouvido, desde que os níveis sonoros sejam elevados, outro alerta importante que deve ser considerado no momento do planejamento dos líderes da pastoral.

Em ambos os casos, a música se transforma em ruído ambiental capaz de prejudicar o ser humano durante o exercício de suas funções. De acordo com Andrade e Russo (2010), a ocorrência de perda auditiva relaciona-se a fatores inerentes às características individuais da pessoa exposta ao ruído, ao meio ambiente e ao próprio agente agressivo (som).

Nessa perspectiva, a reprodução de música nos ambientes em que a pastoral deseja atuar deve levar em conta os aspectos relativos à forma de inserção musical, tendo em vista que oscilações excessivas entre os parâmetros de seus elementos. O nível de volume e o tempo de exposição à música podem trazer prejuízos à audição dos sujeitos, bem como à sua saúde como um todo. Obviamente, aqui falamos em ambientes, locais, mas sempre é importante lembrar que eles também podem ser virtuais, ainda mais considerando os tempos atuais de conexão em redes de relacionamentos híbridos, ainda mais tendo em vista que a música representa um meio fundamental da vida cotidiana. Assim, a Pastoral não pode ignorar a maneira

como esse recurso tem afetado as pessoas nos ambientes de convivência e nos locais em que passam grande parte de suas vidas, mais especificamente em relação à qualidade de vida.

4. COMUNICAR, EVANGELIZAR E HUMANIZAR

Nossa vivência musical nasce na família, já na barriga da mãe, ouvindo as cantigas. Depois, evolui para os momentos musicados da Igreja Católica, para os momentos de missa, de Ondinha (grupo infantil, da Igreja), para as sessões voluntárias de catequese, de crisma ou para as músicas tocadas em casamentos, nos eventos religiosos, pelas bandas formadas de cristãos, pelo folclore (músicas tocadas no violão). Há ambientes, nos quais os líderes católicos ou de pastoral transitam, que precisam de maior cautela na escolha das músicas a serem abordadas, uma vez que a sua inserção no plano de trabalho efetiva a comunicação, amplia o alcance da evangelização e humaniza.

Conforme alguns exemplos dados, deve-se ter atenção para que o som não seja agressivo e combine com o público-alvo, com a instituição e com a mensagem. Contudo, não existe nenhum repertório que seja uma fórmula para o sucesso, cada um possui sensações para estilos de música diferentes, de acordo com as estratégias que se quer abordar.

O ideal é discutir, planejar, testar e incentivar que todos escutem canções para que possam obter maior produ-

tividade nas reflexões, mais qualidade de vida e felicidade, mesmo sabendo que a relação entre os dois termos em questão, por vezes, parece uma utopia, assim como parece quase impossível humanizar por internet, via redes, *lives*.

“Quem canta reza duas vezes”. Assim, é enorme o poder da música, de tal forma que tamanha é a força e o poder da oração, musical ou não. Cabe aos membros da Igreja saberem selecionar para cada etapa desejada a música ideal.

Quando se fala em músicas para potencializar a comunicação e ativar a religião ou a espiritualidade, sempre há o lado positivo e o negativo. Há coisas antigas que continuam boas. Um exemplo é a Liturgia, que não vai e nem deve mudar. Obviamente, cantos novos surgem, mas o que determina é a mensagem e o conteúdo e não a questão técnica. As oportunidades da vida é que determinarão os usos da música pela pastoral, por exemplo, por meio de intervenções em *lives* nas redes e mídias sociais, lembrando que a música permite que a criança brinque dentro de nós. Assim, façamos com que o monge também reze dentro de nós. E, parafraseando Don Campell, que o jovem dentro de nós dance e que o herói dentro de nós supere todos os obstáculos. Ou quase todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Platão defendia que primeiro devia-se educar a alma por meio da música, por acreditar que ela chegaria a locais ina-

cessíveis por outros meios. Sabe-se que não importa o artista, mas a sua arte, pois Deus ali se manifesta. E a busca pela felicidade segue, mesmo que já tenha passado por todas as épocas, dos tempos mais remotos antes de Cristo até os dias de hoje, uma vez que o ser humano deseja e busca a felicidade. E esse é um dos objetos de pesquisa de diversas áreas da ciência, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia. Por que não ousar dizer que também pode ser o foco da pastoral para ampliar a comunicação e a evangelização?

Todos querem e merecem ser felizes. Ainda mais em tempos de reconexão, de fé, de rede. A música pode despertar essa felicidade, esse bem-estar, e ressignificar a conexão, despertando as emoções e a espiritualidade. A pastoral tem potencial para ligar-se a essa missão.

Obviamente, aqui não foi possível ampliar as discussões por meio de mais citações e referências. Talvez a abordagem tenha ficado, ainda, inconsistente se comparada com a grandeza da temática. Quem sabe esses esboços iniciais tenham sido chamados para continuar a busca em um nível mais científico, aprofundando a relação entre a qualidade de vida e o projeto pastoral?

É nítido que a ação evangelizadora não se esgota, simplesmente, no processo de geração de bem-estar. Este pequeno texto, que deseja vir a ser artigo, em breve, apresenta poucas afirmações advindas da neurociência, de modo que validem

as afirmações centrais, mas baseia-se nos dados e pesquisas apresentados ao longo do texto, na perspectiva dos seus autores, qualificados apenas como seres que vivenciam as ações oportunizadas pela comunidade religiosa à qual pertencem e às ações da equipe pastoral regente na escola a que estão atrelados. Tratam-se, por enquanto, de meras opiniões ou percepções subjetivas vivenciais, a partir da experiência embasada empiricamente e registrada também na tentativa de entender melhor e de esclarecer o conceito de "rede", que ora tem relação à conectividade on-line e ora refere-se às relações interpessoais no nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Isabela Freixo Cortês de; RUSSO, Iêda Chaves Pacheco. Relação entre os achados audiométricos e as queixas auditivas e extraauditivas dos professores de uma academia de ginástica. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 15, n. 1, p. 167-173, 2010.

BRAY, A.; SZYMÁNSKI, M.; MILLS, R. Noise induced hearing loss in dance music disc jockeys and an examination of sound levels in nightclubs. **J Laryngol Otol**, v. 118, n. 2, p. 123-128, 2004.

HANDY, Charles B. **Como compreender as organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. **Práticas de recursos humanos – PRH: conceitos, ferramentas e procedimentos**. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. **Indicadores empresariais de qualidade de vida no trabalho: esforço empresarial e satisfação dos empregados no ambiente de manufaturas com certificação ISO9000**. 1996. 355 p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, 1996.

SILVEIRA, Emerson Sena; JUNQUEIRA, Sérgio. **O ensino religioso na BNCC**. Curitiba: Editora Vozes, 2020.

RELATO DE EXPERIÊNCIA**OS TEMPOS EXIGEM:
REINVENTAR-SE É PRECISO!**

Waldemar Bettio, Sérgio Andrade e Hudson Rodrigues

WALDEMAR BETTIO

Bacharelado em Filosofia e em Teologia; Pós-graduação em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio; Especialização em Ensino Religioso. Membro do CAEP – Centro Administrativo-Educacional da Província Brasileira das RSCM, sediado em Belo Horizonte - MG.

CONTATO: sorcaep@rscmb.com.br

SÉRGIO ANDRADE

Licenciatura em Filosofia; Pós-graduação em Ciência da Religião e em Juventude no Mundo Contemporâneo. Coordenador do SOR no CSCM-Belo Horizonte.

CONTATO: sor@redesagradobh.com.br

HUDSON RODRIGUES

Licenciatura em Letras e Pedagogia. Bacharelado em Teologia. Especialização em Ensino Religioso e em Orientação Educacional. Coordenador do SOR no CSCM-Brasília.

CONTATO: sor@redesagradobrasilia.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

À luz do tema *Evangelizando em rede: tecnologia e comunicação na pastoral escolar*, compartilharemos, aqui, algumas iniciativas da Rede Sagrado – Colégios Sagrado Coração de Maria, em tempos de pandemia, distanciamento social e aulas remotas. São tempos graves – por tudo o que significam de sofrimento, morte, desemprego, desestabilização emocional etc. –, mas também *grávidos* – por tudo o que geram de superação, solidariedade, transformações em todos os níveis das nossas vidas pessoais e institucionais, incluído aí a dimensão pastoral de nossas escolas.

Entre optar pelo compartilhamento das iniciativas pastorais de uma única unidade SCM e mesclar iniciativas das cinco unidades da Rede, optamos pela segunda alternativa. Em consequência, socializaremos um pouco da criatividade das nossas equipes do SOR – Serviço de Orientação Religiosa de Ubá, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória e Brasília.

Somos uma Rede com cinco colégios no Brasil, entre os múltiplos filiados à ANEC. Como os demais, somos buscan-tes, a caminho, desejosos de contribuir para a formação integral das pessoas, para a defesa e a promoção da vida, para o cuidado com a Casa Comum e o estabelecimento de pontes de justiça e solidariedade no mundo.

Fomos pegos de surpresa pelas consequências do COVID-19. Não imaginávamos, em março, que o isolamento social

se prolongasse por tantos meses. Instados a reinventar nossas práticas educativo-pastorais – como todas e todos os que nos leem – encontramos na tecnologia e na comunicação aliados complementares e indispensáveis.

É hora de somar. Que nossa partilha sirva de ânimo e luz ao afã de uma escola em pastoral de todos e cada um(a).

OS TEMPOS EXIGEM: É PRECISO SE REINVENTAR!

Tínhamos tudo planejado: os Planos de Ação Pastoral redigidos e aprovados; as datas dos grandes eventos *JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação)* definidas; as celebrações iam acontecendo e as ações solidárias começavam a ser dinamizadas. De repente, não mais que de repente, eis que surge um vírus no meio do caminho. Estudantes, educadores, coordenações, funcionários dos diversos setores, famílias... Todo mundo em quarentena devido ao COVID-19! Como, então, levar adiante nossa ação pastoral, sem os sujeitos da mesma? Como mobilizar as crianças e jovens à distância? Como ser uma comunidade educativa em pastoral, em meio às incertezas e receios?

Foi preciso reinventar-nos. Desconstruir para reconstruir. Superar-nos. Felizmente o investimento prévio em instrumentos e plataformas tecnológicas e a presença de competentes equipes nas Coordenações do SOR, na Comunicação Estratégica e nos Laboratórios de Informática garantiram, graças a um traba-

lho em parceria, o suporte necessário para a superação dos desafios surgidos. E a resposta veio criativa e eficaz, nas diversas dimensões. Vejamos!

A) CUIDADO COM AS PESSOAS, NOSSO MAIOR BEM

Os primeiros dias e semanas foram difíceis para todos. Notícias desconhecidas sobre a pandemia, incompreensão do que ocorria, insegurança, medo, ansiedade... Especialmente, entre estudantes, famílias e funcionários mais vulneráveis! Como nos fazermos presentes e dar-lhes suporte? Como cuidar desse contingente humano que nos foi confiado?

Em Brasília, o Coordenador do SOR percebeu que havia boa comunicação com os professores, mas não com os funcionários da manutenção, dos serviços gerais e dos setores administrativos. Na impossibilidade de fazer as costumeiras reuniões temáticas mensais não teve dúvidas: pegou o celular e, pouco a pouco, manteve contato individual com todos. Deu-lhes voz, animou-os, descobriu e supriu necessidades e constatou o quanto isso lhes fez bem, valorizando-os como pessoas e reforçando seus vínculos com a instituição. Paralelamente, em março e abril, encaminhou mensagens semanais aos educadores, via *e-mail* e *whatsapp*, visando à contenção da ansiedade, afagando-lhes o coração e alimentando sua espiritualidade. O retorno foi extremamente positivo. A iniciativa contribuiu para serenar as emoções e encarar a vida com mais positividade, fortalecendo o ânimo dos

professores para o desenvolvimento das aulas *on-line* e ajudando as demais equipes a melhor assumir os protocolos de segurança introduzidos na sua rotina de trabalho.

Algo semelhante aconteceu em Vitória, onde a coordenadora do SOR mobilizou professores, funcionários administrativos, uma religiosa, o Trio Gestor e educadores sociais do Projeto Vida para a leitura colaborativa de um poema de aconchego, cuidado e gratidão aos colaboradores. A mensagem *#umsócoraçãosagrado* fez bem às pessoas, obteve sucesso nas redes sociais e permanece disponível no site <http://www.redesagradovitoria.com.br/destaques/mensagem-especial/>.

B) ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS, JÁ QUE 'A FOME NÃO ENTRA EM QUARENTENA'

A pandemia escancarou e agravou uma realidade sabida, mas nem sempre vista e reconhecida: a enorme desigualdade social existente no Brasil e a multidão de invisíveis das nossas ruas, periferias e sob os papelões e cobertores no centro das metrópoles. Com a quarentena muitos pais e mães de famílias perderam suas precárias fontes de renda e inúmeras crianças foram privadas de refeições dignas nas instituições que frequentavam. Sentimos isso nas famílias dos assistidos pelos nossos projetos socioassistenciais, nas comunidades em que realizamos missões jovens e nas instituições em que efetuamos visitas solidárias. O que fazer frente a tais situações?

Em Ubá, o SOR fortaleceu a *corrente solidária* proposta pela coordenadora do Projeto Vida, Ir. Maria de Aquino, e mobilizou a comunidade educativa para a doação de cestas básicas, minorando o sofrimento de muitas famílias¹.

Em Brasília, uma *campanha de solidariedade* favoreceu famílias do Projeto Vida Pe. Gailhac, de São Sebastião, e mães atendidas pela Associação Santos Inocentes, em Samambaia².

Em Vitória, o Grupo de Jovens do colégio arregaçou as mangas, alçou a voz nas redes sociais e convocou os corações sensíveis a doar produtos de higiene pessoal que vieram a beneficiar as famílias dos 250 assistidos pelo Projeto Vida Pe. Gailhac, no Jardim Carapina – Serra³.

Em Belo Horizonte, impossibilitada de realizar a tradicional festa junina beneficente, a Unidade inovou: propôs o *“DRIVE-THRU – No Coração Solidário de Maria”*, convocando as famílias a passarem no Colégio e aí deixarem as suas contribuições. Foi um sucesso: carros enfeitados, pais e alunos em trajes juninos, arrefecimento da saudade, vínculos

fortalecidos e muitas doações para as famílias dos assistidos pelo Projeto Vida Pe. Gailhac, do Bairro da Lagoa⁴.

No Rio de Janeiro, quem tomou a frente da campanha *“A Fome não Entra em Quarentena”* foram os antigos alunos. Para ajudar famílias de Guapimirim – onde fora realizada a Missão Jovem SCM de 2019 –, eles criaram uma identidade visual, um *instagram* e um e-mail para divulgar a campanha e receber doações. Também desenvolveram uma campanha de apadrinhamento, já que se propuseram a doar três cestas básicas por família nos dias 5, 15 e 25 de cada mês. Essa campanha durou de março a agosto. A Comunidade Católica Servos da Divina Providência, de Guapimirim, recebia os depósitos diretamente dos doadores que, por sua vez, enviavam um comprovante para o e-mail da campanha. No final do mês, os jovens faziam a contabilidade e divulgavam os resultados⁵.

Avivamento da espiritualidade alimentadora da ação

Para o Pe. Jean Gailhac, fundador do IRSCM – Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a vida interior

1 Disponível em: <http://www.redesagradouba.com.br/projetos-sociais/projeto-vida-irma-maria-de-aquino/>.

2 Disponível em: <http://www.redesagradobrasilia.com.br/noticias/doacoes-da-rede-de-solidariedade-sagrado-sao-entregues-a-duas-instituicoes/>.

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILcKFMAeXcl>.

4 <http://www.redesagradobh.com.br/noticias/agradecimento-festa-junina/>.

5 Disponível em: <https://www.instagram.com/antigosalunosolidarioscsmrj/?igshid=1vzy4oc0o3n3k>.

é condição *sine qua non* para o bem viver pessoal e o verdadeiro colocar-se a serviço dos outros. Daí a preocupação das equipes do SOR em subsidiar e fortalecer a fé, a oração e a vivência da comunidade educativa.

Para tanto, o CSCM-Vitória disponibilizou a *Capela Virtual*, um espaço em que podem ser acessadas orações, mantras, músicas e reflexões que ajudam as pessoas a fortalecerem a sua fé e a sua coragem para encarar o dia a dia⁶

Em Ubá, por meio de dois vídeos semanais de um minuto cada – os *JPIC TOK* –, o coordenador do SOR dissemina gotas da espiritualidade gailhacciana, ajudando quem acessa a dar sentido às situações existenciais⁷.

C) SINTONIA COM A IGREJA, POIS IGREJA TAMBÉM SOMOS

Sensíveis ao sentimento de muitas famílias e colaboradores, frente ao fechamento das igrejas e à impossibilidade de se reunirem nas comunidades eclesiais, o SOR buscou alternativas.

Em Brasília, a equipe criou um roteiro para a celebração do *Tríduo Pascal* em família, iniciativa que teve muito bom

acolhimento, fortaleceu os laços familiares e acabou sendo abraçada pelas demais unidades da Rede⁸. No CSCM-BH, integrou-se o *Mês de Maria com o Dia das Mães* e provocaram-se estudantes, antigos alunos, colaboradores e familiares a declararem o que Maria representa em suas vidas⁹.

Em Vitória, mobilizou-se colaboradores do colégio e do projeto socioassistencial para amenizar o pesar do povo pela não realização da tradicional *Festa da Penha*, padroeira do Espírito Santo, com uma bela homenagem musical a várias vozes a todos os devotos de Nossa Senhora¹⁰.

D) MOBILIZAÇÃO DAS JUVENTUDES, GARANTIA DO PROTAGONISMO SOLIDÁRIO

É intenso o investimento na formação de lideranças na Rede Sagrado – CSCM por diversos meios. As juventudes, quando acionadas, respondem com entusiasmo, criatividade e competência. Como, porém, manter as mentes acesas, os corações abrasados e os membros ativos à distância? Por meio das redes sociais e sua tecnologia!

Assim os *“Amigos Solidários”* (antigos alunos) e o GTS - Grupo de Trabalho Solidário, do CSCM-Rio, mantiveram seus

6 Disponível em: <http://www.redesagradovitoria.com.br/galeria/capela-virtual/>.

7 Disponível em: <http://www.redesagradouba.com.br/galeria/jpic-tok-conheca-mais-esse-projeto/>.

8 Disponível em: <http://www.redesagradobrasilia.com.br/noticias/celebrar-a-pascoa-e-sagrado/>.

9 Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAx_TadF8Ko/.

10 Disponível em: <http://www.redesagradovitoria.com.br/destaques/video-homenagem-a-nossa-senhora-da-penha/>.

encontros semanais on-line nos quais discutiam temas do seu interesse e planejavam intervenções sociais. O mesmo ocorreu com o *Grupo de Jovens* do colégio SCM de Vitória.

Em Belo Horizonte lideranças juvenis articularam quatro lives com um grupo de jovens de Janaúba, norte mineiro, com quem compartilharam, nos últimos quatro anos, a Missão Jovem SCM. Os temas foram *“Isolamento não significa solidão”* e *“Liderança juvenil a serviço da sociedade”*. Além de músicas, poemas, brincadeiras e contação de histórias nessas lives foram utilizados vários recursos para dinamizar a participação dos jovens, promovendo o encontro de diferentes, gerando partilha de vida e sonhos, fortalecendo amizades e dando maior significatividade à existência.

Em Brasília a suspensão das aulas ocorreu 48 horas antes da realização do Retiro Jovem SCM, que teve de ser cancelado. Houve frustração porque os inscritos estavam sedentos por realizá-lo. Em reunião virtual, buscando alternativas, optou-se pela criação de um grupo permanente de encontro, oração e reflexão dos jovens do Colégio SCM e do Projeto Vida Pe. Gailhac. A decisão foi assumida por todos e segue como um espaço para alimentar a fé, estreitar os laços e mobilizar campanhas de solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis um pouco do que promovemos e vivenciamos como comunidades educativas em pastoral na Rede Sagrado –

CSCM, nestes desafiadores tempos de distanciamento social e aulas remotas. Tais iniciativas só foram possíveis graças aos instrumentais tecnológicos que diminuem as distâncias; à competência das equipes de comunicadores que ajuda a transformar boas ideias em práticas eficazes; à articulação das coordenações do SOR, as quais realizam videoconferências quinzenais; e ao envolvimento da comunidade educativa ampla, aqui entendida como a soma dos colaboradores internos dos colégios, estudantes, antigos alunos, familiares de uns e outros e instituições parceiras. Na diferença, unidos, somos mais fortes e assertivos.

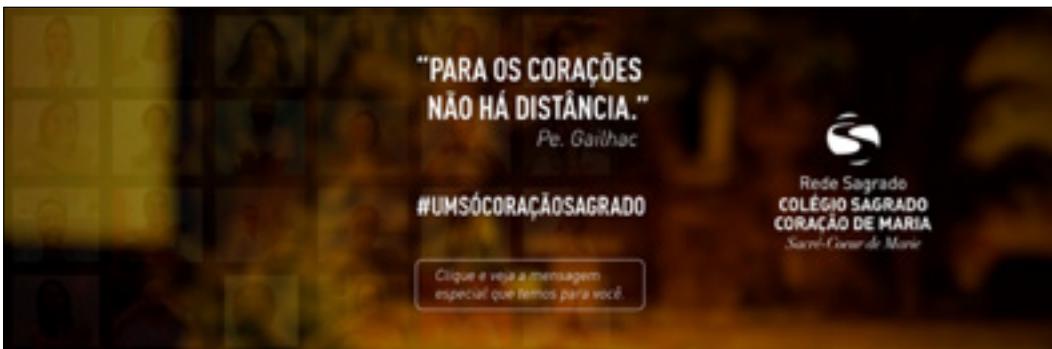
Acreditamos que muitos de vocês que nos leem se veem refletidos no que compartilhamos, devem ter promovido eventos parecidos em suas unidades educativas. E, ao relatarmos, nesta Revista Pastoral da ANEC nossas vivências e experiências – hoje, nós; amanhã, vocês –, iluminamo-nos e provocamo-nos uns aos outros, otimizando nossa práxis para a maior glória de Deus e o bem daqueles que nos são confiados.

Saiamos de nós, portanto, e abramo-nos às diferenças crescendo com elas. Sejamos “escolas em saída”, presentes nas “periferias existenciais”, impregnadas do “cheiro das ovelhas”, promotoras da “cultura do encontro e do diálogo” e “semeadoras da esperança”, como nos pede o Papa Francisco. “Ricos em humanidade”, e “constantemente em formação”, tenhamos sabedoria e coerência para contribuir na educação das nossas

crianças e jovens como mestres “da cabeça, do coração e das mãos”, ajudando cada um e cada uma a “constituir-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar¹¹”. Eis, aí, um bom fim para nosso afã pastoral!



Capela Virtual – CSCM-Vitória



Mensagem dos Colaboradores à Comunidade Educativa – CSCM-Vitória



Campanha de Arrecadação do Grupo de Jovens – CSCM-Vitória



Entrega de Cestas Básicas CSCM-Brasília

Drive-Thru junino "No Coração Solidário de Maria" - CSCM-BH



Campanha "A fome não entra em quarentena" - CSCM-RJ

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ORAÇÃO DA MANHÃ: UM A INICIATIVA DE ESPERANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Odailson Volpe de Abreu

ODAILSON VOLPE DE ABREU

Graduado em História e Pedagogia, Especialista em História das Religiões e Mestre em Educação.

CONTATO: odailson.abreu@redesagradadosul.com.br

O ano vigente foi definitivamente atípico. Nas escolas, tudo começou bem com docentes, discentes e gestão colocando em prática tudo o que havia sido planejado para o ano de 2020. Mas, sem avisar, tudo foi tirado do eixo e as crianças e os adolescentes passaram a ficarem em casa, em período permanente. Os professores, com muito esforço e criatividade, reinventaram-se e as gestões pedagógicas, em suas mais variadas funções, superaram o desafio de fazer a Educação acontecer mesmo que à distância.

Em meio a tudo isso, estavam os Agentes de Pastoral, mulheres e homens que viram o seu público alvo migrar para outro espaço, outra rotina, outras mídias. Todos convivendo com o estresse do isolamento social, o medo do perigo eminente imposto pelo vírus e o desânimo da rotina muito menos agitada. Além disso, o excesso de informação e desinformação bombardeou filhos e

pais, muitas vezes gerando pânico por causa do grande número de reportagens trágicas sobre o vírus ou em consequência das notícias falsas espalhadas por “fake news”.

Essa realidade imposta e incômoda disseminou no seio das famílias o medo, a angústia e o receio de se tornarem incapazes de tolerar e superar todas essas adversidades. Muitos começaram a desenvolver transtornos de ansiedade, estresse crônico e outras mazelas. Foi nesse contexto que os Agentes de Pastoral descobriram seu espaço em tempos de pandemia. O termo “agente de pastoral” deriva da palavra pastor que denota a ideia de cuidado, de zelo e acompanhamento. Cada Agente de Pastoral, em seu cotidiano de trabalho, é sempre desafiado a ser um “bom pastor” a exemplo do próprio Cristo que dizia: “*Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas*” (cf. Jo 10,11). Assim, era preciso

que essas mulheres e homens, no âmbito da educação católica, rompessem com as paredes da escola e chegassem até os lares, até as famílias, dando suporte espiritual e emocional para alunos e também para seus familiares. Era preciso assumir, nesse contexto mais que nunca, a função de bom pastor.

Tornou-se necessidade urgente fazer-se presença para aquelas pessoas que estavam passando tempo demais em casa, privados de sua rotina, de seus hábitos, fossem elas crianças, adolescentes, jovens, pais, mães ou mesmo professores. Nesse momento, pastorear era recordar a cada um deles a esperança, a confiança e a fé, virtudes cristãs que precisavam ser reinflamadas em cada um. Mas como fazer isso? A resposta vinha da Sagrada Escritura, pois, segundo ela, em tempos de dificuldade, insegurança, medo e dor é a oração que concede a graça da perseverança. Exemplo disso são os primeiros cristãos na comunidade de Jerusalém, após a crucificação de Jesus, que em meio aos riscos por serem cristãos na comunidade judaica “perseveravam na oração em comum” (At 1,14).

Tornar a oração um suporte para as famílias e educadores se fez urgente. Por meio dela, seria possível manifestar o sinal e a presença de Deus, mesmo diante de tantas dificuldades. No Colégio Coração de Jesus, Unidade Educacional do SAGRADO – Rede de Educação, em Nova Esperança/PR, os Agentes de Pastoral sentiram-se desafiados num

primeiro momento a manter um mínimo de rotina para os educandos. Isso significava a necessidade de garantir que a Oração da Manhã, tão comum e, para muitos, o único contato com Deus ao longo dia, fosse mantida. Além disso, a Oração da Manhã despontava como uma nova forma de contato com pais e familiares, para que também eles se sentissem amparados nesse período. Foi aí que surgiu, ainda nos primeiros dias de distanciamento social, a ideia de enviar pequenos arquivos de áudio, gravados diariamente, para as famílias, de maneira que pais, filhos e demais familiares presentes em casa pudessem ouvir juntos oração. A intenção era estender essa ação também para educadores e demais serviços, que tanto quanto as famílias, também sofriam as mazelas da reclusão social.

Com esse propósito em mente e ainda sem saber como colocá-lo em prática, surgiu a ideia de firmar parceria com o Serviço de Comunicação do colégio que já havia, previamente, organizado todos os pais e responsáveis legais dos educandos em listas de transmissão por meio do *whatsapp business*. Estabelecido o contato, foi discutida, mesmo à distância, a possibilidade e a viabilidade desse setor da escola, que estava em *home office*, fazer o envio do arquivo de áudio diariamente. Após uma sinalização positiva, foi enviado um primeiro recado por parte da pastoral para os pais, avisando sobre essa iniciativa do Serviço de Pastoral e sobre a data em que ela teria início.

Com isso, percebeu-se uma grande oportunidade de evangelização e, mais ainda, de fazer com que a Boa Nova do Reino deixasse de ser algo distante e passasse a ser uma realidade mais próxima de cada família. Nesse sentido, compreendeu-se que esse tempo adverso tornou urgente o anúncio do Reino de paz e justiça, de forma simples, mas eficaz, por meio das novas tecnologias. Essa prática também carregou em seu bojo uma excelente oportunidade de garantir, mesmo durante o tempo de distanciamento, o cumprimento da principal função da Pastoral na escola, ou seja, evangelizar apresentando a boa nova de Jesus de forma prática, breve e efetiva.

Além disso, a oração serviria de alento e esperança para tantas famílias angustiadas, pois Jesus afirma em seu evangelho: *“tudo o que pedirdes na oração, crede que já o recebeste, e vos será concedido”* (Mc 11,24). Havia tanto a pedir, mas, por outro lado, também havia muito a agradecer, a conhecer, a reconhecer e a louvar.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, *“a tradição cristã conservou três expressões principais da vida de oração: oração vocal, a meditação e a oração contemplativa. Uma característica fundamental lhes é comum: o recolhimento do coração”* (cf. CIC 2699). Partindo desse princípio, a equipe de Pastoral definiu que as Orações da Manhã para esse período deveriam contemplar essas três expressões de uma só vez, ou

seja, ela deveria ser enviada de maneira vocal - o Agente de Pastoral iria rezá-la -, por meio dela se despertaria no interlocutor uma ação meditativa e, dessa forma, permitindo que o mesmo entrasse num momento de oração contemplativa. Por isso, foi definido que a Oração da Manhã seguiria três eixos:

- Evangelho do Dia;
- Santo do Dia;
- Devoção específica.

Com mensagens de encorajamento, de fé e de esperança, cada pequeno áudio buscava apresentar aos pais e aos filhos a leitura do Evangelho do Dia e, logo após, uma breve reflexão/meditação dando ênfase nesse caráter positivo de cada evangelho, chamando a atenção para as palavras e ações de Jesus e demonstrando como elas eram dirigidas de forma nova e particular para cada um. Ao final, todos eram convidados à uma oração muito particular inspirada por esse Evangelho.

Em dias específicos o testemunho da vida de algum santo ou beato era utilizado como inspiração para a oração. Antes de convidá-los a rezar eram chamados a conhecer a história daquela pessoa, suas dificuldades e suas superações, bem como a forma como Deus agiu na vida deles. Com isso, renovavam sua esperança e assim poderiam fazer uma oração mais concreta e profunda.

Outras situações eram propícias para que virtudes cristãs, dispostas nos

evangelhos, fossem colocas em destaque. Fundamentadas com a Bíblia, eram um convite para que cada um também as colocasse em prática. Esses breves momentos de oração tinham como característica permitir um profundo exame de consciência de forma que as pessoas fossem desafiadas a rezarem a partir da sua realidade em relação àquela virtude.

Para mais, essa prática também contribuiu muito para que as devoções específicas, tão caras para o Colégio Coração de Jesus e para as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, fossem difundidas junto às famílias e às crianças, aos adolescentes e aos jovens. Foi muito positivo perceber que os pais já haviam se acostumado e, até mesmo, decorado o Oferecimento do Dia, prática tão comum nas escolas das Irmãs Apóstolas. Também despertaram um apreço especial pela Bem-aventurada Clélia Merloni, fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.

Desde abril de 2020, logo após a Páscoa, diariamente por volta das oito horas da manhã o arquivo de áudio chegava diretamente no celular dos pais e responsáveis legais dos educandos, dos professores e também dos Serviços Pedagógicos e Administrativos, convidando-os para um breve momento de intimidade com Deus, mesmo diante dos novos afazeres, do trabalho em casa e da necessidade de se adaptar a tudo o que estava acontecendo, ainda era possível separar, mesmo que

brevemente, um tempo para se aproximar de Deus e manter viva a fé e a esperança. Aos poucos, cada um foi entendendo a importância da exortação de São Paulo às comunidades cristãs de Tessalônica e Éfeso: *“orai continuamente”* (1Ts 5,17), *“sempre e por todas as coisas, no nome de nosso Senhor Jesus Cristo”* (cf. Ef 5,20).

Durante esse período muitos pais e educadores manifestaram sua gratidão pela presença e ação da Pastoral Escolar, principalmente pela Oração da Manhã que possibilitou a tantos um reconforto e uma redobrada confiança em Deus. Na sequência estão alguns dos depoimentos de pais e educadores manifestados a respeito dessa iniciativa do Serviço de Pastoral Escolar.

A mãe do educando Herick Rafael Chinotti da Silva, Alessandra Aparecida Chinotti da Silva, comentou sobre a maneira como a Oração da Manhã reconfortou sua alma e coração:

“ *A Oração da Manhã tem sido de grande importância para mim e minha família neste tempo de pandemia, pois ela sempre nos traz uma palavra de FORÇA, NIMO, ESPERANÇA e FÉ. Nos ajuda a ter um dia de mais tranquilidade e paz no Senhor. Quando, às vezes, ao longo do dia, me vem o desânimo, eu me lembro da oração e a esperança e a paz voltam no coração.* ”

A senhora Tânia Regina Negrizoli Landim, mãe do educando Otávio José Negrizoli Landim, falou sobre o sentimento de coletividade e proteção que a Oração da Manhã tem proporcionado a ela e sua família:

// *Desde o começo da pandemia de COVID-19 os tempos têm sido difíceis para todos nós, pois somos privados de coisas simples como ir e vir, uma roda de amigos para uma boa conversa, um abraço ou um aperto de mão. Só não fomos privados da fé em Deus que nos fortalece e nos sustenta em momentos difíceis como esse que estamos passando agora. O Colégio Coração de Jesus e o SAGRADO – Rede de Educação tem se unido em oração todas as manhãs com as famílias. Nessa hora você sabe que tem muita gente rezando com você para que Deus proteja a todos nesse momento difícil. //*

A educadora Joyce Aparecida Gazola do Prado relata que a Oração da Manhã mesclou o sentimento de nostalgia da sala de aula com a sensação de proximidade com Deus:

// *Poder ouvir, todas as manhãs, a oração encaminhada pelo Co-*

légio, me leva à lembrança de estar na sala de aula, participando daquele momento tão importante do nosso dia. Agora, em casa, também continua sendo o momento de me colocar na presença de Deus e buscar um dia abençoado, tanto nas atividades que devo realizar para meus educandos quanto na vida, de modo pessoal. //

É costume dos cristãos rezarem pedindo muitas coisas, tais como proteção, saúde, prosperidade, paz, discernimento. Tudo isso é importante, tudo isso é necessário, mas não podemos definir esses e outros benefícios como frutos da oração, pois tal atitude seria minimizar e subestimar as atribuições de tão nobre ato. Se algo pôde ser aprendido com a Oração da Manhã ao longo dessa pandemia é que o maior fruto que a oração pode trazer para a vida de alguém é o próprio Deus, pois dessa presença, amizade, fé e confiança resultarão todas as demais coisas. Afinal, estar com Deus é vislumbrar, conhecer e construir o seu Reino já aqui na terra, mesmo diante das adversidades da pandemia e, como dizia Jesus, é preciso “buscar primeiro o Reino de Deus e sua justiça, para que tudo mais venha a ser acrescentado” (Mt 6,33).



ENTREVISTA

MOISÉS SBARDELOTTO

O tema comunicação e evangelização tem sido amplamente refletido desde antes do contexto da pandemia do novo coronavírus e Moisés Sbardelotto é um dos principais pensadores do assunto em nosso país. Jornalista, mestre e doutor em Ciência da Comunicação é também autor de "E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital" (Paulinas, 2017) e de "E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosa na internet" (Santuário, 2012), significativas contribuições sobre as novas tecnologias, o testemunho e anúncio do Evangelho nos espaços digitais.

Na entrevista concedida à Ir. Valéria Andrade Leal, discute as novas formas de relação que vão se estabelecendo por meio das redes sociais e que ao mesmo tempo geram "uma "bulimia" de informações e uma "anorexia" de relações e conhecimento", o que toca diretamente às interações e processos de socialização no contexto escolar. Nos instiga também a pensar sobre o papel da educação, novas linguagens para entrar em diálogo com as novas gerações e metodologias mais apropriadas que ultrapassem o uso das tecnologias como meros recursos. Cita exemplos bem sucedidos de evangelização nas redes e lembra também que "a evangelização nas redes exige coerência de vida". Confira!

1. A comunicação digital avançou muito em pouco tempo e vem sendo consideravelmente democratizada. Você acredita que novas formas de relação estão sendo moldadas a partir disso?

Em termos de comunicação digital destaco que 71% dos brasileiros estão conectados, segundo pesquisa da DataReportal, publicada no início deste ano. A média de tempo que cada brasileiro passa conectado é de 9h17min por dia. Estes dados

indicam que as relações, cada vez mais, são mediadas pela tecnologia. O filósofo Luciano Floridi fala de onlife, da conectividade como dimensão existencial, pois as pessoas vivem conectadas, e as relações se dão na conectividade. Vivemos em contato e as distâncias não são um empecilho. Convivemos com várias pessoas ao mesmo tempo nas lives e videoconferências. Podemos construir nossa identidade partilhando outras identidades, o que alguns estudiosos chamam de nova intersubjetividade. Também é positiva a questão do tempo: posso deixar uma mensagem no celular que a pessoa pode responder depois. O e-mail também permite essa relação. O tempo pode ser negociado entre as pessoas. Ao mesmo tempo, há aspectos negativos como as alteridades *à la carte*, ou seja, eu escolho com quem vou me relacionar. Se alguém me incomoda e não tem os meus gostos eu bloqueio, delete. Desta forma, construo relações, a partir do meu ego, com quem me agrada. São “bolhas” em que ficamos sempre no mesmo mundo, consumindo mais do mesmo e nos custa entrar em contato com o diferente. Em longo prazo isso gera preconceitos, discriminação, discursos de ódio e violência nas redes. Há abertura e possibilidade de construir relações diversificadas e ao mesmo tempo nichos que empobrecem as relações. É a ideia de escassez na abundância: a rede traz uma abundância de possibilidades, mas optamos pela escassez de contatos. Fala-se que vivemos em uma “bulimia” de informações e em uma “anorexia” de relações e conhecimento. Estamos sobrecarregados de dados e, ao mesmo tempo, sentimos falta de relações e conhecimentos profundos. Vivemos na superficialidade.

2. A Escola Católica é espaço de interações entre pessoas e ideias. Como as novas tecnologias da comunicação contribuem para a formação integral neste ambiente?

A ideia do onlife vale para a escola que, historicamente, sempre foi tecnológica: basta pensar no quadro negro, caderno, livro... São tecnologias das quais a escola foi se apropriando ao longo do tempo. As novas tecnologias não ficam fora da sala de aula, mas talvez assustem por serem novas. Entretanto, é fundamental não apenas ter computadores, tablets etc., mas conhecer e apreender as linguagens, as novas formas de pensar, os métodos mais ligados à cultura digital que também pede mais variedade, passando pela imagem, som, experiência. Diante disso, destaco três aspectos. O primeiro é a tecnologia como recurso didático. Trata-se de pensar o computador, o celular ou outros como tecnologias que ajudam no processo formativo. São meios para o acesso ao digital, à internet que é um enorme banco de dados, uma grande memória da própria cultura. Muitas vezes as pessoas acham que, na educação católica religiosa, há poucos recursos digitais sobre religião, catequese, mas não é necessário que esses recursos estejam prontos. Cabe aos responsáveis pela educação “pedagogizar” os recursos já existentes, talvez produzidos por outras entidades, mas que envolvem valores e princípios importantes também para a fé cristã. Observar quais são usados pelos alunos e trazer

para a sala de aula como forma de desenvolver os conteúdos. O ambiente digital também é importante para a formação psicopedagógica. Hoje publicamos praticamente toda a nossa vida nas redes. Para os professores e para quem acompanha os jovens e as crianças a internet pode ser um ambiente para conhecer mais o estudante. Talvez ele construa uma imagem diferente nas redes, mas os educadores podem captar o que este jovem quer dizer, o que está vivendo, suas alegrias e sofrimentos, o contexto social e familiar. Bento XVI já dizia que na rede não se partilham apenas ideias e informações, mas a pessoa se comunica a si mesma. Neste sentido, os educadores podem conhecer mais para contribuir com o crescimento de cada estudante, ao mesmo tempo em que também se dão a conhecer. Um terceiro aspecto é que o digital favorece a formação sociocomunitária, pois facilita a construção de redes e a ampliação dos vínculos. Depois da aula a turma pode ter um grupo, uma página, um blog, enfim, manter o vínculo trocando informações e experiências do dia a dia. É importante pensar uma sala de aula expandida. Há também a possibilidade de contato com outras realidades, por exemplo, as lives em que podemos interagir com pensadores, pesquisadores, autoridades que talvez nunca estariam na escola presencialmente. O digital une ruas e redes. O mesmo vale para a sala de aula: unir a sala de aula com o cotidiano das crianças a partir do ambiente digital, facilitando a construção das relações.

3. A Escola Católica educa e evangeliza. Como a evangelização pode alcançar as novas gerações a partir das tecnologias, considerando as interações já existentes no espaço escolar?

Não dá para pensar as tecnologias como meros recursos da evangelização. O Papa Francisco reforça a importância da inculturação, ou seja, pensar o ambiente digital como lugar em que a evangelização tem que se inculturar. Para isso o Papa fala de buscar as formas e os valores positivos que existem nas culturas, o que também se aplica ao ambiente digital, como a conectividade, a facilidade de contato e de relação, de conhecer o diferente, enfim, são muitos aspectos que podem contribuir. Válida também é a reflexão do Papa Francisco sobre os discípulos de Emaús. Ele coloca três pontos. Primeiro Jesus vai ao encontro dos seus discípulos. Ir ao encontro das pessoas onde elas estão, ter presença nas redes, dialogar, ver o que as pessoas fazem, do que gostam, a sua linguagem e sofrimentos. Ir ao encontro também pelas redes. Um segundo passo é que Jesus se coloca à escuta. Ele pergunta e deixa falar. Isso nas redes é muito importante. Muitas vezes adolescentes e crianças que vivem períodos de mudanças e decisões vão buscar respostas “jogando no Google”. Que bom a Igreja ter uma presença significativa, que ofereça boas respostas ou mesmo um contato pessoal com formadores, sobretudo religiosos e padres, com quem os jovens possam conversar nas redes, trocar uma mensagem de Whatsapp ou no Facebook. Talvez as dúvidas apareçam mais no mundo digital

do que numa conversa pessoal, já que nas redes os jovens se sentem mais livres, é a linguagem deles e eles se sentem mais abertos para a conversa. Por fim, o Papa coloca a questão do diálogo. Jesus escuta, mas também fala a sua verdade. A Igreja tem que oferecer respostas falando na linguagem dos jovens, a partir do imaginário deles. Isso é fundamental. Com abertura, sem verdades impostas, mas numa verdade dialogada, construída em conjunto. Mas o mais relevante ainda é o testemunho. Muitas personalidades católicas tendem ao exibicionismo. Constrói-se uma imagem nas redes, mas que muitas vezes não condiz com a realidade de vida dessa pessoa ou surgem escândalos e atitudes equivocadas que desmentem aquela “ilusão” criada no ambiente digital. A evangelização nas redes exige coerência de vida. O que se faz nas redes tem que fazer parte da prática do dia a dia e a vivência pessoal tem que ser traduzida também na linguagem das redes. Não pode ser santidade e beleza que não se concretizam na prática. Isso é um veneno ao lidar com as novas gerações que exigem coerência e testemunho de pessoas que falam aquilo que vivem e vivem aquilo que falam.

4. Há exemplos bem sucedidos de evangelização por meio das mídias digitais?

Existem estudos como o Twiplomacy sobre a “diplomacia no Twitter” que analisam o que os líderes mundiais fazem nas redes sociais digitais. O Papa Francisco é o terceiro mais seguido no Twitter com 50 milhões de seguidores e no Instagram é o 8º, com 7 milhões. Esses dados mostram uma presença bem sucedida. A sociedade em geral segue as contas do Papa porque encontra, além da posição de uma autoridade religiosa, aquilo que a Igreja pensa, como traduz sua doutrina, a tradição e o Evangelho na linguagem das redes. Outro exemplo é “O Vídeo do Papa” que não é só uma presença no Youtube, mas fez com que se atualizasse algo bem tradicional, como as intenções do Papa. Antes as intenções eram um textinho direcionado a um grupo bem específico, de certa faixa etária. Agora, o Apostolado da Oração se chama Rede Mundial de Oração pelo Papa. As intenções continuam sendo formuladas em uma frase, mas que é traduzida na linguagem audiovisual, com vídeos curtos e bastante movimento. Creio que este seja um bom exemplo de evangelização pelas mídias e tem muito impacto dentro da Igreja e, conforme a temática, alcança outros grupos sociais. Igualmente o aplicativo Clicktopray, também da Santa Sé, é uma tentativa de trazer a oração na linguagem dos apps. Este app traz a intenção do Papa, as mensagens do Twitter, do Instagram, o vídeo do Papa. Condensa um pouco do que o Papa faz no ambiente digital e convida o usuário a rezar pela manhã, ao meio-dia e à noite junto com o Papa. É uma linguagem, uma experiência que fez a Igreja repensar a própria ideia de oração.

5. Fala-se do perigo de perder os vínculos do real, a experiência da comunidade. Como superar esse risco e resgatar o sentido de ser comunidade humana e de fé?

Tem uma frase do Papa Francisco sobre as comunidades em redes: “Para ser eu mesmo, preciso do outro”. Isso vale para as comunidades online e também para as presenciais. As redes facilitam ou ampliam as relações já existentes presencialmente. Pensando na vida da Igreja, paróquias, grupos de jovens, comunidades religiosas etc. elas já são comunidades, mas com as redes sociais digitais essas relações se ampliam em outros momentos e espaços. Aquilo que já é forte pode ser ainda mais forte e coeso com as mídias digitais. O contrário também acontece: às vezes, graças a um contato nas redes sociais digitais se inicia uma relação que gera um encontro presencial, uma visita, amizade... Cabe também estar atento para o fato de que no ambiente digital, por trás da tela, existem pessoas. As redes sociais digitais podem tornar-se espaços de violência, gerando divisões, perda de amizades... Pelo contrário, é preciso resgatar a ideia de que na rede estamos diante de pessoas que precisam ser respeitadas. É preciso resgatar a dignidade humana e fugir do risco de cair em um individualismo conectado. Se queremos construir comunidade, precisamos estar abertos, atentos, respeitando e escutando o outro. Isso é fundamental para se pensar a ideia de comunidade. Não existe comunidade de indivíduos isolados: a comunidade se dá na relação entre pessoas humanas, nas suas diferenças.

6. O tempo empregado nas redes sociais, às novas formas de relação e a qualidade da informação levantam questões acerca da saúde mental das pessoas e do cultivo de valores. Em longo prazo o que podemos esperar?

Há aspectos negativos que precisamos repensar para que não gerem mais problemas. Um deles é o tempo. O brasileiro já passava muito tempo nas redes, o que aumentou com a pandemia. Só que a vida não é feita apenas de redes e consumo de informações, mas é diversificada. É necessário repensar o tempo e o que fazemos nas redes, quais informações consumimos. Ficar sempre nos mesmos ambientes, ou seja, nas bolhas nos empobrece. Além disso, muitas informações são de má qualidade, fakenews, de violência, de ódio, alimentam sentimentos que podem gerar comportamentos ruins em nós. É preciso fazer um “exame de consciência” do que fazemos nas redes, porque há elementos que podem nos prejudicar. O tempo que a gente passa conectado pode gerar até problemas físicos: estamos sempre sentados, a cognição pode empobrecer com os mesmos conteúdos digitais. É preciso rever e fazer momentos de jejum digital, de silêncio e desconexão em certos momentos do dia.

Na pandemia, descobrimos novas formas de manter as relações. Mesmo longe, podemos nos ver, escutar, cultivar relações mais profundas, porque passamos a conhecer aspectos da vida das pessoas que antes não conhecíamos. Isso é rico e não é somente troca de informações, mas contato, troca de afetos, conversa, escuta.

Isso precisa ser mantido e potencializado. Outro aspecto também é o fenômeno das lives. Uma leitura possível é a necessidade que temos de entender o mundo, de dar significado ao que vivemos neste tempo de pandemia. Estamos cheios de perguntas e as lives foram uma resposta para isso. Temos as mais diversas palestras e cursos, muitas vezes gratuitos e abertos. Uma riqueza para cada um de nós e podemos escolher o conteúdo, o palestrante, a linguagem que mais nos agrada para nos enriquecer, para entendermos essa realidade. Isso nos ajuda a perceber nas redes um espaço de formação.

É fundamental termos consciência crítica. Temos redes infinitas com informações infinitas. Cabe a nós saber escolher, não se deixar levar pelo volume de informações, apenas consumindo dados. Ter consciência daquilo que se quer e daquilo que escolhemos para que as redes não sejam apenas perda de tempo e, com isso, perda de vida. As escolas têm um papel fundamental naquilo que eu chamo de “formação para a informação”, para que as gerações mais jovens não se sobrecarreguem, vivendo ansiosas devido ao excesso de estímulos. Muitos ainda não têm discernimento para escolher e consomem o que vem pela frente, sem se atentar para a necessidade de equilíbrio na sua “dieta midiática”. A escola tem um papel importante na linha da Educomunicação, da alfabetização midiática, para ajudar as pessoas a terem mais elementos para escolher, ler, ouvir com consciência crítica, não engolir tudo como se fosse verdade, para transitarem nessa enxurrada de informações e manter uma atitude ética, de respeito, reconhecendo as diferenças, construindo relações que superem a violência e os discursos de ódio. As escolas católicas podem ajudar a humanizar as redes, não apenas a ocupá-las com as nossas causas, com aquilo que acreditamos, mas também humanizar as redes. Assim, estaremos contribuindo com a cultura do encontro, como pede o Papa Francisco, que não pode ser a cultura da violência, do descarte, do preconceito, do ódio. Esse é o nosso papel como cristãos.



Estante

O estagiário (The Intern).

Direção: Nancy Meyers.

País de origem: EUA

Ano: 2015.

Duração: 121 minutos.

É preciso postar no Instagram”. Essa é uma das afirmações pronunciadas pelo jovem (Jason) que acolhe os estagiários no início do filme e que apresenta a eles alguns hábitos do clima laboral: *“comunicação, trabalho em equipe, ninguém tem uma sala particular e não podemos perder tempo”*. O jovem, convicto desses hábitos, apresenta-os de forma unilateral em um contexto que, desde o início do filme, reconhece-se como desconhecido: estagiários idosos.

O filme retrata, inicialmente, a ruptura entre gerações, marcada não pelo embate, mas sim pela aparente desconexão. Na entrevista com o estagiário Ben Whittaker, essas desconexões aparecem. Perguntas como *“Você se lembra?”*, *“Onde você se vê daqui a 10 anos... quando tiver 80”*; o assombro pelo fato de Ben ter permanecido várias décadas no mesmo emprego, entre outras questões. Tais desconexões expressam, por parte da geração jovem, certos medos de compreender a velhice e os idosos.

Ainda que explicita essa desconexão, o filme demonstra a ideia criativa da geração jovem de implementar um projeto inovador de contratar estagiários¹ e, por outro lado, uma geração idosa que demonstra abertura e acolhe essa ideia. *“Estou aqui para aprender sobre o seu mundo”* e *“Um admirável mundo novo, pensei entrar e ver*

1 Um projeto de estagiário para idosos é uma ótima dica não somente para empresas.

como era” são afirmações do estagiário Bem, as quais registram a necessidade das gerações aprenderem umas com as outras.

A relação entre a jovem empresária Jules Ostin e o estagiário Ben costura esta conexão intergeracional. Jules, mesmo se destacando pelo seu sucesso, não consegue olhar para esse projeto de estagiários idosos para além de um projeto pseudo solidário que precisa fazer, mas que com tantas tarefas espera que não demore muito a concluir.

A costura do diálogo entre os estagiários e de Ben com Jules tece na comédia e drama do filme exemplos de como a conexão entre as gerações faz bem, possibilitando uma relação de ajuda que marca as vidas das personagens. A convivência entre os novos estagiários, marcada por várias anedotas como a de como ligar o novo computador, a percepção de admirar a qualidade do que parece antiquado (a mala de Ben), o significado do uso do lenço (que simbolicamente expressa o choque cultural: *“sua geração não saber disso é um crime”*), entre outros exemplos.

Cabe ressaltar a comemoração com os estagiários, na qual Jules expressa seu agradecimento a eles por a terem salvado do envio de um e-mail por engano para a sua mãe: *“Olhem o Ben. Uma raça em extinção. Olhem e aprendam”*. Um detalhe, nesse contexto, é o fato de ela acreditar que sabe tudo sobre a casa dos seus pais (o que se revela insustentável no disparo do alarme). Nessas entrelinhas, o filme aponta a constante necessidade de se desconstruir o que pensamos e acreditamos, questionando o “normal” que definimos e indicando a importância da abertura, da acolhida e do diálogo que prescindimos para viver.

A dupla abertura entre a empresária e o estagiário é marcada por trocas: Jules admira a trajetória, a memória e o pertencimento de Bem, quando descobre que ele já trabalhou no mesmo local de trabalho atual. Ela é surpreendida pelas ações impen-sáveis (para ela) que o idoso Ben protagoniza e que lhe trazem tranquilidade na sua vida atarefada. Já Ben se surpreende pelo jeito e pelos valores sociais e culturais de Jules, pela sua criatividade e empreendimento atípico (para ele) de sucesso. E, claro a marca simbólica do início de uma nova possibilidade de amizade: *“Parabéns, você faz oficialmente parte da geração facebook”*.

O reconhecimento de Ben para as novas coisas “legais” como um trabalho bem feito (exemplo da massagem) ou o fato de perceber que as listas telefônicas às quais dedicou a sua atividade profissional já não têm mais serventia, também demonstram como a mudança de conexão entre as gerações precisa ser um movimento recíproco. Esse é um dos ensinamentos do filme.

O estagiário resulta em um filme que questiona quem assiste para a solidariedade entre as gerações, mostrando os benefícios que essas trocas podem trazer para viver melhor. As aproximações à “nossa cultura” (que por vezes ignoramos) ampliam as possibilidades de orientação cultural, de sentido e significado que nos permitem fortalecer a nossa identidade social.

O filme mostra que a amizade entre as gerações não se limita à experiência de letramento digital e reconhece as possibilidades que as ferramentas tecnológicas e as redes sociais podem oferecer para esses vínculos. Enfim, poder-se-ia concluir que a vida é muito mais antiga que as idades dos jovens e dos idosos de hoje. Aprendamos com isso!

HUMBERTO SILVANO HERRERA CONTRERAS

Filósofo e pedagogo. Mestre e doutorando em Educação. Professor universitário na Faculdade Padre João Bagozzi. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social da UEPG. Assessor da área de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da SM Educação.

Contato: htoherrerc@gmail.com



Estante

**Acepto las Condiciones:
Usos y abusos de
las tecnologías digitales.**
COBO, Cristóbal.

Madrid: Fundación Santillana, 2019.

Podemos pensar em tecnologias com um enfoque (mais) humano? Este é um dos questionamentos centrais que o livro de Cristóbal Cobo discute. O autor propõe uma reflexão crítica e aberta sobre as consequências da massificação das tecnologias e seu impacto nas novas formas de poder e controle da sociedade atual. Com base nessas reflexões convida ao leitor a repensar o papel da educação no desenvolvimento de formas de inclusão pautadas em uma nova ética digital.

Cobo (2019) alerta para o “feudalismo digital” que vivemos, no qual os dados são concentrados no poder digital de poucas companhias, gerando além de novas formas de poder e controle, novas formas de exclusão e periferia. O autor questiona a obsessão pelos meios e redes do mundo digital que afasta aos sujeitos da noção do real e alerta para a suposta neutralidade da tecnologia. Frente a essa realidade, Cobo (2019) entende necessário desenvolver uma nova compreensão do que significa alfabetismo digital crítico, isto é, uma cidadania digital que permita compreender e agir frente às novas determinantes dessa realidade modificada. Define o “alfabetismo digital crítico” como “o conjunto de habilidades necessárias para compreender crítica e amplamente os meios digitais e suas implicações sociais, econômicas e políticas”, e alerta que “para desenvolver esse olhar é necessário seguir avançando com a cidadania até habilidade digitais mais complexas que escapem de fórmulas mágicas ou imediatistas” (COBO, 2019, p. 105).

O livro do “entusiasta crítico da tecnologia”, como se autodenomina Cobo, está organizado em cinco capítulos. Já na introdução Cobo cita a conhecida frase: “Li e aceito os termos e condições de uso”, e alerta para o que muitas vezes “Escolhemos não escolher” (COBO, p. 37), isto é, quando aceitamos serviços em linha de forma predeterminada. Esse “escolhemos não escolher” ou “que outros escolham por nós” abre a discussão do primeiro capítulo que explora as brechas e assimetrias que emergem e/ou se consolidam na era digital. Apoiado em exemplos atuais, o autor aproxima ao leitor do fenômeno da internet e dos desenhos tecnológicos apontando traços comportamentais como a distribuição e diluição da atenção, a dependência aos aparelhos tecnológicos, entre outros. E, conclui, dizendo: “apaga o telefone, ascende a tua vida” (COBO, 2019, p. 68).

No segundo capítulo, Cobo (2019) analisa as mudanças nas formas de exercer o poder e o controle do comportamento: vigilância e monitoramento, influencia, perda do autocontrole e sobrecarga cognitiva. Em frases como: “parece que não é importante que nos vigiem” (p. 81), “na internet todos querem atrair a tua atenção” (p. 83) e “reter a atenção é também uma forma de poder” (p. 85), Cobo alerta ao leitor sobre o modelo de dados no qual “somos informação” (p. 90) a todo tempo. Daí que “a capacidade de discriminar, ponderar, contrastar e contextualizar a informação joga um papel crítico cada vez que utilizamos internet o nos relacionamos com outros através de uma tecnologia digital” (p. 94).

Repensar as formas de inclusão, título do terceiro capítulo, parece central no posicionamento de Cobo perante o questionamento inicial que se propõe responder. Segundo o autor é preciso “incorporar formas de proteção que resguardem a cidadania quanto utilizam as tecnologias digitais” (p. 103), e sugere que os indivíduos possam ser capazes de se questionar do “por que cedem tantos privilégios às empresas de serviço digitais para que tenham o controle da vida privada” (p. 104). Cobo indaga, a nível institucional e político, sobre os sistemas de monitoramento que “ajudam” aos cidadãos (p. 113) e questiona sobre “quem vigia aos algoritmos” (p. 125). Tais questionamentos indicam, segundo o autor, a necessidade de uma “ética digital que não se esgote na legislação” (p. 128).

No quarto convite, Cobo (2019) convida ao leitor a “sair da era da ingenuidade” (p. 133), o seja, a superar os sesgos que temos sobre os dados, a discernir sobre como “as necessidades de aceitação, validação e atenção” constituem espaços para manipulação (p.145) e, a indagar sobre as possibilidades de superar o benefício individual que as plataformas, sistemas e meios digitais nos oferecem, para aspirar a mudanças que assegurem o bem-estar coletivo, no atual ecossistema digital que vivemos.

A modo de conclusão, o autor adverte para “o fim da lua de mel digital” (p. 160) e para a superação do “feudalismo digital” (p. 166), como chaves necessárias para dizer: “Escolhemos elegir” (p. 169).

Por fim, talvez o próprio autor, na citação a seguir, apresenta a melhor resenha da sua própria obra:

Este livro analisa quais são as redefinições enquanto às velhas e novas formas de poder e controle que se produzem na era digital. Ainda, se explora de que maneira essas formas de poder estão vinculadas ao protagonismo que tem adquirido os dispositivos digitais na vida cotidiana. As tecnologias não somente produzem grandes volumes de dados, senão que também redefinem os esquemas tradicionais de autoridade. Neste contexto, parece mais necessário que nunca tomar distância dos tecnoentusiasmos imperantes e aprender a pensar autonomamente (sem próteses digitais nem outras formas de inteligência assistida). Aquilo guardará relação com ampliar os espaços para a desobediência tecnológica e de reflexão crítica, que nos ajudam a compreender os riscos de uma estupidez artificial em emergência, e atuar em consequência (COBO, 2019, p. 26).

O livro está disponível no link: <https://www.aceptolascondiciones.com/>

Revista de
PASTORAL
da ANEC



2020
